

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

JULIANA RAMOS DE FARIA

O TEMPO DAS ALUNAS MÃES NA ESCOLA

Juiz de Fora

2019

Juliana Ramos de Faria

O TEMPO DAS ALUNAS MÃES NA ESCOLA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Tarcísio Jorge Santos Pinto

Co-orientadora: Prof^a. Dr^a. Luciana Pacheco Marques

Juiz de Fora

2019

Faria, Juliana Ramos de.

O tempo das alunas mães na escola. Juliana Ramos de Faria
– 2019. 91 f.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade
Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

JULIANA RAMOS DE FARIA

O TEMPO DAS ALUNAS MÃES NA ESCOLA

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre no programa de pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, pela seguinte banca examinadora:

Dr. Tarcísio Jorge Santos Pinto (orientador)
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dra. Luciana Pacheco Marques (co-orientadora)
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dra. Andréa Serpa Albuquerque
Universidade Federal Fluminense

Dra. Sandrelena da Silva Monteiro
Universidade Federal de Juiz de Fora

Juiz de Fora

2019

Dedico este trabalho a todos os integrantes da Escola Estadual Maria Ilydia Resende Andrade. Lugar de imenso aprendizado, em que vivi grandes emoções no/do/com o cotidiano de uma escola pública.

AGRADEÇO

Às alunas mães, que dividiram comigo muito mais que simples palavras, mas seus sentimentos, seus sonhos e suas dificuldades. Eternamente grata por me tirar do meu lugar de conforto.

Aos meus filhos, Lucas e Alice, que foram pacientes e parceiros nesses dois anos de intensa luta e cobrança interior.

Ao professor Tarcísio e à professora Luciana, pela parceria que perdura desde a minha graduação.

À Valéria, Fernanda, Luciana, Cinthya, Marinez, Lucy e Regina. Pela força e amizade durante esta fase de muita luta e aprendizado. Seus nomes estão em toda a tessitura deste trabalho como codinomes das alunas mães.

À Escola Estadual Maria Ilydia Resende Andrade que me acolheu desde meu primeiro ano de experiência profissional como professora. Local de luz, família.

A Deus, pela energia e pelas vivências cotidianas que me foram confiadas para minha evolução espiritual.

A certeza de que não sou mais a mesma, e que todas as experiências que vivenciei me tornaram mais forte, mais humana e potentemente mais empática.

A vocês, minha gratidão!

Felicidade
Marcelo Jeneci

Haverá um dia em que você não haverá de ser feliz
Sentirá o ar sem se mexer
Sem desejar como antes sempre quis
Você vai rir, sem perceber
Felicidade é só questão de ser
Quando chover, deixar molhar
Pra receber o sol quando voltar

Lembrará os dias
que você deixou passar sem ver a luz
Se chorar, chorar é vão
porque os dias vão pra nunca mais

Melhor viver, meu bem
Pois há um lugar em que o sol brilha pra você
Chorar, sorrir também e depois dançar
Na chuva quando a chuva vem

Melhor viver, meu bem
Pois há um lugar em que o sol brilha pra você
Chorar, sorrir também e dançar
Dançar na chuva quando a chuva vem

Tem vez que as coisas pesam mais
Do que a gente acha que pode aguentar
Nessa hora fique firme
Pois tudo isso logo vai passar

Você vai rir, sem perceber
Felicidade é só questão de ser
Quando chover, deixar molhar
Pra receber o sol quando voltar

Melhor viver, meu bem
Pois há um lugar em que o sol brilha pra você
Chorar, sorrir também e depois dançar
Na chuva quando a chuva vem

Melhor viver, meu bem
Pois há um lugar em que o sol brilha pra você
Chorar, sorrir também e dançar
Dançar na chuva quando a chuva vem

Dançar na chuva quando a chuva vem
Dançar na chuva quando a chuva
Dançar na chuva quando a chuva vem

RESUMO

Este trabalho, intitulado “O tempo das alunas mães na escola”, realizado através do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, teve como discussão central o tempo das alunas mães no/do/com o cotidiano escolar. Através da minha presença na escola como professora constatei muitas alunas mães que buscavam continuar seus estudos mesmo com todas as dificuldades que o contexto social e as cobranças da escola impunham a elas. A pesquisa surgiu desse interesse em entender algumas questões, entre elas: O que é ser aluna mãe no contexto da escola? O que passa por esta questão existencial? Quais os desafios cotidianos que elas encontram ao se deparar com a multiplicidade de funções que existe no cotidiano de suas vidas? Meu objetivo foi narrar como as alunas mães vivenciam suas temporalidades na escola. A pesquisa aconteceu na escola estadual Maria Ilydia Resende Andrade localizada na cidade de Juiz de Fora/MG. As praticantes da pesquisa são três alunas mães, duas do segundo segmento do ensino fundamental e uma do ensino médio. A abordagem metodológica utilizada foi a pesquisa no/do/com o cotidiano escolar, tendo como base os estudos de Inês Barbosa, Nilda Alves e Carlos Ferraço. Como principal referencial teórico do trabalho utilizo o filósofo Henri Bergson. Apoio-me ainda nas referências fundamentais de Paulo Freire, Walter Kohan e Carlos Eduardo Ferraço. Foi solicitado a confecção de portfólios pelas praticantes. Nossos encontros se deram no cotidiano da escola e pela rede social *Whatsapp*. Estar e participar no/do cotidiano da escola, conhecer os diversos atores que ali atuam e se dedicam, foi de suma importância para o desenvolvimento da pesquisa. Através desta pesquisa pude perceber a angústia vivenciada pelas alunas mães ao se depararem com as múltiplas funções de ser mãe e aluna na adolescência. Ou seja, pude perceber as dificuldades de algumas alunas em conseguir organizar suas rotinas e tempos de acordo com os tempos cronológicos exigidos pela sociedade; escola; creche; casa; filhos.

Palavras-chave: Escola. Cotidiano. Mães. Educação. Tempo.

SUMMARY

This work, titled "The time of female students at school", carried out through the Graduate Program in Education of the Federal University of Juiz de Fora, had as a central discussion the time of the female students in the school day-to-day life. Through my presence at school as a teacher I found many female students who sought to continue their studies despite all the difficulties that the social context and the school charges imposed on them. The research came from this interest in understanding some questions, among them: What is it to be a mother in the context of the school? What passes for this existential question? What are the daily challenges they encounter when faced with the multiplicity of functions that exist in the daily life of their lives? My goal was to describe how the female students experience their temporalities in school. The research took place at the Maria Ilydia Resende Andrade State School located in the city of Juiz de Fora / MG. The researchers are three female students, two from the second segment of elementary education and one from the secondary school. The methodological approach used was the study at the /of / with the daily school, based on the studies of Inês Barbosa, Nilda Alves and Carlos Ferrazo. As the main theoretical reference of the work I use the philosopher Henri Bergson. I also support the fundamental references of Paulo Freire, Walter Kohan and Carlos Eduardo Ferrazo. Practitioners were asked to make portfolios. Our meetings took place in the daily life of the school and by the Whatsapp social network. Being and participating in the day-to-day life of the school, getting to know the different actors who work there and dedicate themselves, was extremely important for the development of the research. Through this research I was able to perceive the anguish experienced by the female mothers when they came across the multiple functions of being a mother and a teenage girl. That is, I was able to perceive the difficulties of some students in being able to organize their routines and times according to the chronological times demanded by society; school; nursery; house; children.

Keywords: School. Daily. Mothers. Education. Time.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. A MINHA CAMINHADA NA PESQUISA.....	12
3. A PESQUISA NOS/DOS/COM OS COTIDIANOS ESCOLARES.....	21
3.1 Procedimentos da pesquisa.....	26
3.2 Meu mergulho na escola.....	32
4. O TEMPO COMO DURAÇÃO E O MÉTODO DA INTUIÇÃO DE HENRI BERGSON.....	41
5. O TEMPO E O COTIDIANO ESCOLAR.....	47
6. EXPERIÊNCIAS, COMPARTILHAMENTOS E DESAFIOS: LENDO INSTANTES, TECENDO A VIDA.....	56
6.1 Marinez: a mulher fortaleza.....	58
6.2 Regina: a mulher decidida.....	64
6.3 Lucy: a mulher sonhadora.....	66
7. SIGO AMANDO AS RETICÊNCIAS.....	70
REFERÊNCIAS.....	73
APÊNDICES.....	77
ANEXOS.....	83

1. INTRODUÇÃO

Início a tessitura desta dissertação com a música Felicidade, do músico Marcelo Jeneci. Música que há alguns anos atrás escolhi para tocar na festa de colação de grau da minha graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), em julho de 2015. Depois desse evento tão importante e singular da minha vida, esta música me afagou em diversos momentos pontuais até os dias de hoje.

Anos depois da formatura, como se houvessem coincidências, cheguei adiantada para o início das aulas do turno da tarde e fui para a sala de acesso aos computadores do Colégio de Aplicação João XXIII, para fazer anotações do cotidiano vivido na escola estadual pela manhã.

Ao adentrar na sala, sempre afobada, escolhi a cadeira do canto, a primeira, pois ficaria mais escondida, quietinha e poderia ao mesmo tempo “espalhar” minhas mochilas, bolsas, cadernos, chaves, e todos os adereços necessários a uma professora de vários turnos de trabalho. Coloquei o meu fone e liguei a música na playlist do Spotify¹ - músicas gostosas de ouvir - e a primeira música que começou a tocar foi ela – Felicidade. Emocionei-me muito. Coisa que não é muito difícil de acontecer e quem me conhece sabe da minha facilidade em expor e externar as emoções em lágrimas.

No segundo momento desta dissertação, apresentei meu movimento na pesquisa. Busquei alguns momentos importantes na minha caminhada como ser complexo e completo de erros e acertos. O fato é que depois deste acontecimento, das lágrimas de emoção externadas por ouvir uma música, esta correnteza de emoções me fez lembrar alguns eventos por mim vivenciados ao longo desses anos, que trago na minha caminhada pela pesquisa. Ser mãe. Ser aluna. Ser professora. Ser humano. E diante de tantos “ser”, queria ouvi-las, as alunas mães, são tantas numa mesma escola. E cada vez mais podemos constatar esta realidade nas escolas públicas de nosso país: alunas se tornando mães cada vez mais cedo.

No terceiro momento trago a metodologia que busco trabalhar em toda minha caminhada profissional e acadêmica. A metodologia de pesquisa que utilizei foi a pesquisa no/do/com o cotidiano escolar, que me permitiu experienciar o espaço e o tempo escolar de várias formas e intensidades. Como referenciais para tal metodologia remeti-me à Nilda

¹O Spotify é um serviço de streaming digital que dá acesso instantâneo a milhões de músicas, podcasts, vídeos e outros conteúdos de artistas de todo mundo. Disponível em: https://support.spotify.com/br/using_spotify/the_basics/what-is-spotify/. Acesso em: 07 de fevereiro de 2019.

Alves, à Inês Barbosa de Oliveira e a Carlos Eduardo Ferração, também como referência inclusive para me orientar na utilização das narrativas como materialidade de estudo. Assim, ao nos assumirmos como envolvidos na tessitura do “nosso” objeto de estudo, isto é, ao nos constituirmos como pesquisadores praticantes (FERRAÇO, 2011), misturando-nos aos nossos temas, objetivos e interesses, coloca-se para nós a impossibilidade de pesquisar ou de falar “sobre” os cotidianos das escolas (FERRAÇO, ALVES, 2015, p.310).

Se quero falar nos/dos/ e com os sujeitos da pesquisa, tenho que me envolver e envolvê-los de alguma maneira e a forma de escrita tem que ser pensada de modo que esses sujeitos praticantes e participantes da pesquisa se vejam e realmente estejam inseridos na costura do trabalho. Para Azevedo, as narrativas parecem ser a melhor maneira de apreender o cotidiano (2003, p.128). Por isso é tão importante as narrativas como instrumento de pesquisa para esta metodologia. Mas ela não é somente feita de narrativas. Todas as informações – consideradas tradicionais ou não – são consideradas materialidade de estudo: gestos, cheiros, fugas, expressões. A riqueza dessas possibilidades nos faz compartilhar muito mais que dados, mas histórias, sentimentos, vida.

No quarto e quinto capítulo apresento a concepção de tempo utilizada em toda a dissertação e o entrelaçamento do tempo como duração e o cotidiano escolar. Para pensar e problematizar o tempo das alunas mães no cotidiano da escola utilizei como perspectiva de tempo a duração, concepção de tempo elaborada pelo filósofo Henri Bergson, que pensa o tempo como fluidez, como algo não passível de fragmentação e divisão, se opondo assim a perspectiva mecanicista de tempo. Para Bergson (2010), o tempo real é a duração, é o tempo que flui, o tempo em que duramos, nossos tempos de existências, que são movimentos contínuos, sem fim, de ciclos intermináveis e complexos. Segundo ele “a duração é o progresso contínuo do passado que rói o futuro e que incha avançando” (p. 19). Esta noção de tempo como a vida que segue e segue em um fluxo ininterrupto, sem fim, tempo este não demarcado, e sim, tempo móvel, fluido, é o tempo que penso que deveria ser mais considerado na escola, tempo que daria mais vida ao cotidiano, que proporcionaria mais criação, mais participação, mais alegria.

E por último, no sexto capítulo desta dissertação, as experiências vividas e compartilhadas com as alunas mães ao longo desses anos. A partir desta perspectiva de tempo como duração, de utilização do espaço informal que ocorreram os encontros cotidianos com as alunas mães, havendo uma desconstrução de uma lógica fragmentada e institucionalizada,

que separa a aluna mãe fora da escola e a aluna mãe dentro da escola. Na verdade, o ser mãe as constitui e isso não poderia ser ignorado no ambiente escolar.

Busquei refletir com elas não somente as experiências no cotidiano da escola, mas sim as “bagagens” de vida que elas carregam e que não se desvinculam do cotidiano escolar. Respeitando o tempo de cada uma, suas necessidades e disponibilidades a pesquisa foi tecida em comunhão, com afetividade, compromisso e admiração.

2. A MINHA CAMINHADA NA PESQUISA

Com as lágrimas do tempo
E a cal do meu dia
Eu fiz o cimento
Da minha poesia.
VINÍCIUS DE MORAES²

Confesso que acho estranho falar sobre a minha caminhada, mas penso ser de grande importância para a constatação de quem fala, para a localização dos leitores e para a compreensão do porquê deste movimento de pesquisa.

Contar a história de minha trajetória explica e apresenta o sujeito que fala, porque fala e de onde fala. A história desta trajetória explica, é um convite e um pacto. Convite ao encontro, para que o leitor tome seu lugar junto à fogueira e possa unir-se a mim nesta partilha, um pacto de honestidade entre autor e leitor... (SERPA, 2011, p. 2)

Nasci em uma família muito tradicional em minha cidade. Tive uma infância confortável e sempre estudei em escolas particulares. Passei por desafios na adolescência que giravam em torno da separação dos meus pais e das brigas por dinheiro e herança que duraram mais de uma década, que foi afundando e separando nossa família, trazendo muitos transtornos psicológicos e financeiros para mim e meus irmãos. Cada qual com sua luta e realidade.

Depois que tive meu primeiro filho, trabalhei com meu pai. Lembro-me de escutar diversas vezes, amigos ou clientes conversando com ele no ambiente de trabalho, perguntando sobre os filhos e carreira, e ele nunca me citar. Não havia orgulho em dizer que sua filha estudava para ser professora. Ele dizia: um está fazendo Medicina, o outro é veterinário, já trabalha comigo e a outra vai ser dentista. E eu... Sigamos.

Minha trajetória acadêmica começou no ano de 2010 com meu ingresso na Faculdade de Recursos Humanos em uma universidade particular de Juiz de Fora/MG. Durante o curso

²Disponível em: <http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/musica/cancoes/poetica-i-e-poetica-ii>. Acesso em: 23 de março de 2018.

pensava em como me aperfeiçoar na área e, na época, uma das propostas apresentadas por uma professora foi a pedagogia voltada para empresas. Assim surgiu meu interesse inicial e logo após ingressei no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Juiz de Fora, em julho de 2011. Fiz o vestibular na época sem muita esperança de passar, com o intuito de saber como seria fazer uma prova para uma universidade pública, seria uma experiência e para minha felicidade passei em quinto lugar para o curso noturno. Nesta época, eu estava casada e já tinha meu filho Lucas, com quatro anos, também trabalhava para meu pai no turno da manhã. Iniciei o curso pensando, então, em realmente trabalhar com a pedagogia em empresas.

Até porque sou filha de professora, nunca havia pensado em ser professora. Em minha infância eu observava o cansaço da rotina e o pouco retorno financeiro diante de tantos desafios cotidianos pelos quais minha mãe passara. Mas, já no primeiro período do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Juiz de Fora, conheci a professora doutora Luciana Pacheco Marques, que ministrava a disciplina “Educação e Diversidade I”. A cada aula me apaixonava mais pela temática e pela humildade que exalava a professora. No primeiro período fizemos um trabalho de campo sobre preconceito em uma comunidade quilombola. Fomos então à comunidade localizada em Bias Fortes/MG, tendo sido uma experiência incrível e me aproximado mais das discussões que a professora trabalhava.

Ainda no primeiro período comecei a freqüentar como voluntária o Grupo Tempos, que se reunia no turno da tarde e era coordenado pela mesma professora. Neste período, então, eu trabalhava no período da manhã, participava das atividades do grupo de pesquisa alguns dias à tarde e cursava a faculdade à noite.

Durante o segundo período da faculdade me tornei bolsista de extensão no projeto “Temporalidades no/do cotidiano escolar” vinculado ao mesmo grupo e coordenado pela professora Luciana. A pesquisa era desenvolvida em uma escola pública da rede municipal de Juiz de Fora/MG, e foi na rede municipal onde realizei todos os meus estágios obrigatórios do curso de Pedagogia.

No decorrer da graduação, refletindo e discutindo o tempo no cotidiano escolar, Luciana nos pediu que frequentássemos, paralelamente ao grupo, às reuniões do grupo do professor doutor Tarcísio Jorge Santos Pinto, cuja pesquisa, naquele momento, era intitulada “Bergson e a Educação”. Assim houve minha aproximação com as discussões do tempo como duração, que é a perspectiva de tempo do filósofo Henri Bergson.

Formei-me em Pedagogia grávida de nove meses da Alice. A formatura aconteceu em meados de julho do ano de 2015 e a Alice nasceu de quase quarenta e duas semanas, no final de agosto do mesmo ano. Passei o segundo semestre de 2015 trabalhando pela manhã e cuidando dos meus filhos.

Alice entrou para a creche com cinco meses e já no início de 2016 comecei minha busca pela inserção como professora designada da rede estadual de ensino de Juiz de Fora/MG, o que foi uma busca intensa e muito desgastante. Pude constatar, então, o quanto é perverso e humilhante tal proposta para os professores. Conheci vários bairros e escolas da cidade. Havia dia em que eu ia a duas, três escolas diferentes para concorrer a uma vaga. Minha classificação era muito abaixo das demais candidatas por ser recém-formada, não tendo, assim, pontuação por tempo de serviço.

No final do mês de março do mesmo ano, eu estava em uma designação na escola estadual Maria Ilydia Resende Andrade, que se localiza num bairro de periferia da cidade, considerado perigoso e que eu imaginei ter mais esperança de conseguir, pois muitas professoras me falaram que naquele lugar elas não tentariam a vaga. Cheguei para a designação de uma vaga para professora regente do segundo ano do ensino fundamental de uma turma que já havia sido abandonada por outras duas professoras.

A primeira professora da listagem disse não querer a vaga, pois a diretora a alertou sobre as dificuldades dos alunos e a carência em que viviam. Esta candidata disse não trabalhar com “deficientes”. A diretora enfatizou que não havia deficientes na turma, mas sim algumas especificidades de que deveríamos ter conhecimento antes de pegar o cargo para que os alunos e alunas não sofressem com mais um abandono de professor. E assim a primeira candidata desistiu da vaga.

A segunda candidata, que, pela pontuação, estava na minha frente, disse querer a vaga, mas sua documentação estava errada. A secretária, ao verificar sua pontuação, constatou que ela havia considerado o tempo de serviço na prefeitura e o estado não considera tal pontuação. Desse modo, a segunda colocada foi desclassificada.

Eu era a terceira candidata. Minha emoção era tamanha que minha vontade foi chorar. Segurei as lágrimas enquanto conferiam minha documentação, mas já certa de que tudo estaria certo, pois já havia conferido a mesma inúmeras vezes. Iniciei o trabalho no mesmo dia. Meu primeiro ano como professora foi rodeado de desafios e uma imensa pluralidade de emoções. E eu mal sabia que esta experiência iria marcar minha vida para sempre.

Paulo Freire, em entrevista ao sindicato dos trabalhadores de Minas Gerais, em 1989, já dizia:

Não há um trabalhador do ensino, no Brasil ou em qualquer sociedade, como algo abstrato, universal. O trabalhador do ensino, enquanto tal, é um político, independente de se é, ou não, consciente disto. Daí que me pareça fundamental que todo trabalhador do ensino, todo educador ou educadora, tão rapidamente quanto possível, assuma a natureza política de sua prática. Defina-se politicamente. Faça a sua opção e procure ser coerente com ela. (FREIRE, 1995, p. 49)

A escola na qual comecei a trabalhar abrange até hoje alunos e alunas do primeiro ano do ensino fundamental até o terceiro ano do ensino médio, oferecendo também, no período noturno, a Educação de Jovens e Adultos e, no período da manhã, a educação integral para o contra turno das crianças que estudam à tarde.

A escola foi fundada no ano de 1963 e leva o nome de uma benfeitora do bairro, que doou o terreno e fazia ajudas comunitárias no bairro na época de sua fundação³. Ela é constituída por dois prédios, um mais antigo, do início da escola, e um mais novo, que foi inaugurado há algumas décadas atrás. No térreo do prédio novo, há bebedouro, banheiros, cozinha, refeitório, sala da direção, sala da coordenação, sala dos professores, depósito e tesouraria. No segundo andar, salas de aula, brinquedoteca e biblioteca. No terceiro andar, mais salas de aula, dois banheiros e bebedouro. No prédio antigo fica localizada a secretaria, sala de informática, laboratório de Ciências, sala de recursos multifuncionais para atendimento educacional especializado (AEE) e salas de aula. Há ainda uma quadra em fase de acabamento, uma horta, um pátio descoberto com parquinho e dois banheiros de funcionários.

Iniciei meu primeiro ano de trabalho com muita vontade de “fazer e acontecer”. Penso que a maioria dos formandos quando vão para a prática chegam com essa vontade de fazer algo grandioso pela escola. E realmente conseguimos fazer um movimento, mas não com tanta facilidade e objetividade como aprendido na teoria. No cotidiano da escola lidamos com diversos tipos de emoções e experiências imagináveis.

³Dados recolhidos na secretaria da escola em agosto de 2017.

Lembro-me de praticamente entrar em desespero com os alunos e alunas brigando em sala de aula, de apanhar quando separava brigas, de chorar com algumas alunas que haviam perdido parentes, de ser dura e firme em momentos de concentração para a aprendizagem, de brincar, de rir e chorar.

Buscava ser coerente com tudo que havia aprendido teoricamente na universidade e com a prática dos estágios, mas realmente me peguei em vários momentos de pequenos desesperos. Mesmo nos momentos de desafios não abri mão do que acreditava ser o melhor para os alunos e alunas e nem de trabalhar com uma multiplicidade de gêneros e linguagens no cotidiano da escola.

É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é *transferir conhecimento*, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção. (FREIRE, 2011, p.24)

Sofri críticas de outras professoras por não trabalhar o conteúdo de forma tradicional. Sofri críticas da supervisão pela forma que fazia meus planejamentos. Mas também recebi muita força e carinho de outros professores e professoras, de pais, de alunos e alunas, da direção. Lembro-me emocionada ao escrever essas palavras de uma mãe em especial. Na festa de final de ano, ela estava acompanhada do marido, padrasto do meu aluno; ela me abraçou e me agradeceu pela paciência e por ter ajudado seu filho na escola. O Tadeu⁴ foi transferido para minha turma devido a problemas de disciplina ocorridos na outra sala. Ele foi um grande desafio para mim. Depois de muita persistência e carinho, adquiri sua atenção e respeito.

Durante o ano letivo, era comum os alunos e alunas chegarem à escola contando casos dos acontecimentos da noite no bairro. Alunos vendo pessoas assassinadas quando iam para a escola, escutando tiros à noite toda. Dos casos que mais me chocaram, dois se destacam: o dos irmãos amarrados mortos com tiros na cabeça e o dos adolescentes que pularam o muro da escola para matar um aluno do sexto ano, pois era parente da pessoa que “comandava” o bairro na época.

Em relação a este último caso, o bairro estava em “disputa” e estávamos nos preparando para subir com as crianças para a sala de aula, quando alguns adolescentes pularam o muro da

⁴Nome fictício. Todos os nomes de alunos e alunas são codinomes para manter o sigilo.

escola com uma marreta. O vice-diretor entrou na frente e conseguiu segurar a marreta. Fomos para as salas e ficamos com as crianças. Como minha sala ficava no terceiro andar da escola, eu conseguia ver o movimento da rua. Depois que conseguiram tirar os meninos que invadiram a escola, um carro parou em frente ao portão. Abriram as quatro portas do carro e quatro homens armados saíram cada um de uma das portas. As crianças me disseram que eram fuzis. O “dono” do bairro queria tirar seu parente de lá, mas a diretora não deixou que entrasse. Ela gritava: “Tem crianças aqui, você não vai entrar”. Com o barulho da sirene da polícia, eles foram embora e a polícia levou o menino até em casa.

Neste meu primeiro ano na escola tive alguns encontros com alunas grávidas, nos corredores, na secretaria. Certo dia algumas adolescentes do sexto ano passaram em minha sala pedindo ajuda para uma amiga. Elas disseram que a amiga estava grávida e que ela tinha somente treze anos, que a mãe viciada em crack havia vendido tudo o que ela tinha conseguido juntar para o bebê para comprar droga. A aluna mãe saiu da casa da mãe e foi morar com uma tia. Elas me entregaram um convite feito numa folha de caderno comum, com a hora e o dia de um chá de fralda para a aluna que iria se tornar mãe em breve.

O chá aconteceu na escola, sendo autorizado pela diretora. Lembro-me de me emocionar quando vi uma menina tão nova, já grávida, com tanta dificuldade. Ela estava radiante, era praticamente uma criança ainda. Levei fraldas e roupas da Alice e disse que ajudaria caso faltasse alguma coisa para ela e o neném.

E assim, nesses encontros do cotidiano da escola, fui me despertando para a pesquisa com essas alunas. Fui uma estudante mãe, com muitas diferenças e enfrentando outra realidade de vida, mas me sentia de alguma forma ligada a elas, próxima delas.

Ainda em 2016, participei do processo seletivo para o Mestrado em Educação da Faculdade de Educação da UFJF. E, vivendo, vendo, conversando sobre a maternidade durante o período escolar, defini ser este o tema do projeto que queria trabalhar. Passei no processo seletivo e resolvi aprofundar a temática e procurar estar mais próxima das meninas na escola.

Defini assim meu objetivo na pesquisa: narrar como as alunas mães vivenciam suas temporalidades na escola.

E, para o ano de 2017, foi preciso enfrentar as designações novamente. Como eu estava realizando as disciplinas do mestrado no turno da tarde, foquei nas designações para o turno da manhã. Mas já fui com a intenção de continuar na escola estadual em que havia trabalhado,

queria permanecer no mesmo lugar, fiz amigos, adquiri a confiança dos alunos e alunas, criei laços e já estava com a pontuação um pouco melhor por ter tido um ano de experiência.

Fui a todas as designações da escola e consegui retornar. Não para o turno regular, mas para trabalhar com orientação pedagógica de português e matemática na educação integral, e consegui também uma oficina de Horta e Jardinagem. Trabalhei com uma turma bisseriada de segundo e terceiro anos do ensino fundamental. Uma experiência incrível. Freire (1995) nos fala de como tem que ser produtivo o tempo na educação integral: “A designação *tempo integral* em si não faz milagre. É preciso saber o que fazer do tempo...” (p.54). Buscamos o que fazer com o tempo...

Trabalhei com uma equipe que se entrosou rapidamente e era apoio em todos os sentidos possíveis na escola. Trabalhei com uma supervisora com um olhar diferenciado para as práticas cotidianas. Tudo o que eu desejava realizar no tempo regular e era podada no ano anterior, pude fazer com auxílio da coordenação na educação integral. Fizemos composteira, minhocário, trabalhei com sequências didáticas que envolviam os conteúdos de forma leve, através de pesquisa, brincadeiras, leitura e apresentação de relatórios. A maioria dos alunos e alunas do terceiro ano haviam sido meus alunos no ano anterior na educação regular, então já iniciei o trabalho com muita abertura, compreensão e entusiasmo de alguns alunos e alunas.

Neste ano, Tadeu que já havia sido meu aluno, viu seu tio ser assassinado e não pôde contar para ninguém, pois estava jurado de morte caso revelasse o assassino. Que a realidade do bairro não era nada tranquila eu já sabia quando assumi o cargo. Foi um imenso desafio iniciar minha vida docente lá, mas a cada dia eu conseguia me surpreender e me envolver mais com as histórias e com a realidade de vida dos que ali viviam. Realmente não consigo imaginar uma pessoa conseguir trabalhar numa escola com uma demanda igual a esta e passar por ali sem que nada a afetasse. Acredito ser impossível: uns mais outros menos, de certa forma todos saímos diferentes de quando chegamos.

O vice-diretor da escola havia me alertado, “ou você ama ou odeia, e se decidir amar, de lá não vai querer sair mais”. E assim iniciou meu amor pela escola.

No ano de 2017 meu encontro com as alunas mães se intensificou, pois, como trabalhava na educação integral no turno da manhã, eu encontrava cotidianamente com alunas do sétimo ano do ensino fundamental até as do terceiro ano do ensino médio.

Em julho deste mesmo ano, eu e meu marido nos divorciamos. Após doze anos vivendo juntos, no dia primeiro de julho ele saiu de casa. Fiquei aérea, sem chão. Eu trabalhava no

turno da manhã no estado, fazia as disciplinas do mestrado alguns dias à tarde, nos outros ajudava meu pai no trabalho para poder complementar a renda em casa.

O número de compromissos e a dedicação que eu mesma me exigia me deram força, e eu segui. Fiquei com meus filhos, ficando definidas as noites de quinta com o pai e finais de semana alternados, sendo a residência e a responsabilidade pelas crianças minha. Não deixei de trabalhar um dia.

Depois de um imenso desgaste emocional, retirei a Alice da creche em que estudava. Referente ao Lucas, ele estava cursando o quinto ano do ensino fundamental e para a finalização do ano letivo, entrei em acordo com o diretor da escola a partir do apoio da psicóloga do meu filho: assim, ele só ia à escola para a realização das provas e trabalhos. A professora do Lucas me enviava o conteúdo trabalhado e Lucas ia à escola fazer trabalhos e provas. O divórcio saiu no final de dezembro deste mesmo ano. E no final de dezembro procurei uma pessoa para me ajudar em casa.

Minha família e amigos foram fundamentais nessa passagem de minha vida. Eu tive que levar as crianças para o trabalho diversas vezes, tive muito apoio dos colegas e eles participavam das oficinas. Ainda quando as crianças estavam na escola, minha irmã e tia se revezavam para buscá-los. Uma amiga os deixava. E ainda nesse ano procurei o colégio que estudei quando criança e me senti acolhida, realizando a matrícula dos meus filhos lá para o ano de 2018.

O ano de 2017 foi penoso, conciliar trabalho, filhos, meu emocional, disciplinas do mestrado. Pensei em desistir de tudo na verdade. Cheguei a ir há um psiquiatra que me receitou remédios. Tomei na manhã do dia seguinte, antes de ir trabalhar no estado, me senti muito mal na escola, com vômito, tonteira. Não segui com o tratamento médico. Resolvi intensificar as idas às reuniões no centro espírita e seguir meus trabalhos. Só pensava nas crianças (nas minhas e nas da escola). Meus companheiros e companheiras de trabalho me deram muita força no segundo semestre do ano, e também tive uma compreensão enorme dos orientadores Tarcísio e Luciana referente ao mestrado. “Dançar na chuva quando a chuva vem.” Segui.

O fato de ter tido convivência diária com as alunas me tranquilizou no que se referia aos sujeitos praticantes (CERTEAU, 2017) da pesquisa, mas essa tranquilidade foi “caindo por terra” durante o passar dos dias. Eu encontrava com as meninas, conversávamos, a grande maioria eram mães solteiras. Relatávamos nossas dificuldades, apoiávamos e escutávamos umas às outras.

Em dezembro de 2017 anunciaram uma vaga de bolsista de iniciação à docência do Colégio de Aplicação João XXIII em um grupo de pesquisa do Whatsapp⁵, para mestrado ou doutorado. Particpei da entrevista e fui chamada para a vaga. Iniciei o ano de 2018 “empregada”, o que de certa forma foi um alívio, com tantos compromissos financeiros assumidos para resolver. Iniciei o ano trabalhando no turno da manhã para meu pai e no turno da tarde dando aula de matemática para duas turmas do segundo ano do ensino fundamental. Nas segundas feiras eu ia à escola conversar com as alunas mães. E esperava ansiosamente a abertura das designações para a educação integral, o que só foi acontecer no mês de junho.

Durante este meio tempo eu estava em “guerra” com o comitê de ética da UFJF. Pensei diversas vezes em abandonar o mestrado por conta do estresse que foi passar o projeto pelo comitê. O preenchimento dos dados da pesquisa é num formato para a área da Saúde, o que já é bastante exaustivo e sem sentido para nós que somos da área de Humanas e trabalhamos com pesquisas relacionadas à Educação.

Meu projeto foi reprovado três vezes e tive que iniciar outro processo desde o início. Logo que iniciei novamente, outra pessoa ficou responsável pela avaliação do meu projeto, o que foi realizado com êxito na primeira tentativa, conforme Parecer Consubstanciado constante no ANEXO A. Combinei com as alunas mães que assim que o projeto fosse aprovado que entregaria para elas os documentos necessários para conhecimento e assinatura e que iniciariamos a pesquisa.

Com o início da educação integral em junho de 2018, consegui o cargo de professora orientadora pedagógica para o terceiro ano do ensino fundamental na escola de outrora. Fiquei como professora até o mês de agosto. Depois passei para o cargo de coordenação da educação integral.

Voltei, assim, para o cotidiano da escola muito feliz em continuar o trabalho que realizara: muitos dos alunos e alunas haviam sido meus no ano anterior. Estava em casa novamente.

Iniciei minha caminhada no mestrado com uma ideia completamente diferente do resultado que tenho agora. O cotidiano realmente nos surpreende.

⁵Whatsapp é um software para smartphones utilizado para troca de mensagens de texto instantaneamente, além de vídeos, fotos e áudios através de uma conexão a internet. Disponível em: <https://www.significados.com.br/whatsapp/>. Acesso em: 08 de fevereiro de 2019.

3. A PESQUISA NOS/DOS/COM OS COTIDIANOS ESCOLARES

Viva o tempo, não viva as horas.
Só há um tempo: o agora.
Tempo de chegar, tempo de ir embora.
Quem vive seu tempo, faz história.
(MUNDURUKU, 2007, p. 27)

Como metodologia de pesquisa tomo como referência para a construção desta dissertação a pesquisa nos/dos/com os cotidianos escolares, metodologia de pesquisa que me acompanha desde o início da graduação em Pedagogia na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). De fato, a partir do meu ingresso em um grupo de pesquisa com a temática da discussão do *tempo na escola* esta foi e está sendo a metodologia por mim usada como base para as pesquisas que venho desenvolvendo em minha caminhada acadêmica.

Alves (2003) nos apresenta cinco movimentos que são necessários para a pesquisa nos/dos/com os cotidianos escolares. Estes cinco movimentos vão emergindo e infiltrando os caminhos trilhados no caminhar da pesquisa.

O primeiro movimento foi chamado de *o sentimento do mundo*, em que seria necessário *o mergulho com todos os sentidos* no cotidiano da escola, pois precisamos nos alertar para o modo de ver a realidade, rompendo com as certezas e noções de naturalidade que aprendemos na modernidade. Ferraço e Alves (2015) dizem que os sujeitos do cotidiano não são objetos de análise e sim “autores coletivos de nossas pesquisas” (p. 308). Assim, buscamos romper com a lógica das ciências naturais que tanto foram valorizadas na modernidade, pois nosso “objeto de análise” é um ser humano, com toda sua complexidade imbricada no seu ser; então não falamos sobre e sim falamos com. “Todo conhecimento é coletivamente tecido” (OLIVEIRA; SGARBI, 2008, p. 75). O mergulho no cotidiano seria o envolvimento, a entrega, sentir e estar na escola em muitos os sentidos. Tocava-me profundamente a realidade de vida deles e delas. Os relatos e os acontecimentos do cotidiano deles quando não estavam na escola.

Na minha concepção não havia como eu trabalhar os conteúdos obrigatórios desassociados das vidas e realidades deles e delas. Não havia como eu fingir que nada estava acontecendo diante de crianças chegando para mim dizendo que houve tiroteio e morte no morro, que a casa foi atingida por bala e que indo para a escola passaram por um corpo

estirado na rua coberto por um lençol. Assentávamos em roda e conversávamos sobre o ocorrido. Já houve vez de eu levar um jornal com notícia de assassinato no bairro, pois eu sabia que seria notícia em sala de aula. Lemos a notícia e trabalhamos sobre os gêneros textuais contidos no suporte jornal.

Caminhamos assim para o segundo movimento da pesquisa, o *virar de ponta cabeça*, pois as teorias e os conceitos herdados na modernidade “não são somente apoio e orientação da rota a ser trilhada, mas, também e cada vez mais, *limites* ao que precisa ser tecido para compreendermos as lógicas de tessitura de conhecimentos nos cotidianos” (ALVES, 2003, p. 03). A vivência no, do e com o cotidiano nos permite, ou melhor, nos beneficiam com uma demanda de possibilidades e abertura para uma proximidade maior com a realidade vivida e conhecimentos outros. Quando não estamos trabalhando com uma realidade já definida, programada, pronta e já posteriormente premeditada, os desafios muitas vezes nos desconcertam, mas a comunhão com o outro, o acolhimento e as trocas de conhecimento ampliam nossos horizontes no que se refere aos instrumentos e possibilidades de se fazer pesquisa.

Assim, ao nos assumirmos como envolvidos na tessitura do “nosso” objeto de estudo, isto é, ao nos constituirmos como pesquisadores praticantes (FERRAÇO, 2011), misturando-nos aos nossos temas, objetivos e interesses, coloca-se para nós a impossibilidade de pesquisar ou de falar “sobre” os cotidianos das escolas. (FERRAÇO; ALVES, 2015, p.310).

Ou seja, este movimento seria a (des)construção de nossas vivências e significados, seria colocar as nossas bagagens em teste a todo momento, seria realmente *virar de ponta cabeça*. Desconstruir conceitos e formatações que na constituição de nossa existência muitas vezes tomamos como naturais e certas: “[...] impossível separar com a nitidez desejada pelo cientificismo o sujeito do objeto. [...] os resultados a que conseguimos chegar são, sempre e necessariamente, probabilísticos, jamais verdades definitivas, provas irrefutáveis” (OLIVEIRA; SGARBI, 2008, p. 72). Na metodologia do cotidiano, buscamos nos distanciar

[...] de projetos que trazem a modernidade como marca expressa: lógica do bem e do mal, certo ou errado - “quais as vantagens e desvantagens...”, “quais os limites e possibilidades...”, “que mecanismos facilitam ou dificultam...”; sintomas de busca por procedimento padrão/ideal - “como

intervir...”, “como avaliar...”, “que procedimentos são necessários...” (FERRAÇO; ALVES, 2015, p.309).

Para esta pesquisa estamos em comunhão, estamos próximos, juntos dos sujeitos da pesquisa. Uma pesquisa que abrange a tamanha complexidade em que vivemos não se limita a demarcações e sim em se romper com elas, para que aja a compreensão e o respeito pela diversidade que nos constitui como seres humanos.

A pesquisa do cotidiano nos desafia à imperiosa busca de outras formas de pesquisar/ escrever a escola, em sua realidade vivida, que, longe de ser linear e de poder ser captada por categorias, produz descontinuidades, sinuosidades e espaços de fuga, exige a agudez dos sentidos, da sensibilidade, da intuição, e a fruição dos *insights*, das sínteses. Exige, também e principalmente, conhecimentos teóricos múltiplos e complexos. É ilusão considerar que se possa captar o cotidiano desprovido de sólidos ferramentais teóricos. Sua complexidade não se oferece gratuitamente à apreensão nem à compreensão (AZEVEDO, 2003, p.119).

Ainda como professora do segundo ano do ensino fundamental no ano de 2016, eu tinha uma aluna que havia perdido a mãe há pouco tempo, e que por diversas vezes chorava e pedia para eu ficar um pouco com ela abraçada em sala de aula. Quando precisei chamar seu responsável para uma reunião, me deparei com sua irmã, de apenas quinze anos e que dizia ser a responsável por minha aluna e seu irmão gêmeo que estudava na outra sala de segundo ano. Este fato me chamou a atenção, pois a aluna do primeiro ano do ensino médio me disse que o pai não iria à escola, e que eu poderia conversar com ela. Pensei na imensa responsabilidade que esta menina estava carregando. Além disso, minha aluna, cheia de orgulho, disse que sua irmã trabalhava no contra turno da escola e que de vez em quando ela levava um açaí para ela em casa. E que carinho ela tinha com a irmã. Comecei a me sensibilizar com casos parecidos que foram emergindo no cotidiano da escola.

Próximo a meados do ano letivo, como já narrado mais acima, recebi em minha sala um convite de chá de fraldas de uma aluna do sexto ano do ensino fundamental. A diretora autorizou que acontecesse na escola, e as amigas da nova mãe estavam organizando. As amigas me contaram que ela precisava muito de ajuda, pois a mãe havia vendido tudo o que ela havia conseguido até então para comprar crack, e que agora a menina iria morar com a tia, e precisava comprar ou ganhar um enxoval de bebe novamente. Pediram então que eu levasse

algumas roupinhas da Alice, além do pacote de fraldas. Perguntei quantos anos havia a menina, pois ainda estava no sexto ano na escola. Ela tinha 13 anos na época.

O terceiro movimento da pesquisa foi denominado de *beber em todas as fontes*, pois se refere “à necessidade de ampliação do que é entendido como fonte, discutindo os modos de lidar com a diversidade, a diferença e a heterogeneidade, dos cotidianos e de seus praticantes, tanto quanto suas múltiplas e diferentes relações” (ALVES, 2003, p.03), ampliando o que conhecemos como fonte da tradição cientificista, para além de documentos e livros. Esta metodologia nos abre muitos horizontes para o trabalho ser contemplado da forma mais rica possível. Jornais, fotos, desenhos, histórias, livros de literatura, ou seja, qualquer forma de representação que enriqueça e que faça sentido com o que emerge do cotidiano para o trabalho a ser realizado. O recurso mais utilizado para esta dissertação foi a rede social Whatsapp.

Recorro então ao quarto movimento da pesquisa, o *narrar a vida e literaturizar a ciência*, pois, se quero falar nos/dos/e com os sujeitos da pesquisa, tenho que atingi-los de alguma forma e a forma de escrita tem que ser pensada de modo que esses sujeitos praticantes e participantes da pesquisa se vejam e realmente estejam inseridos na costura do trabalho. O quarto movimento nos chama a atenção para “uma nova maneira de escrever para chegar a todos a que precisamos falar, em especial os próprios *praticantes* dos cotidianos, para lhes dizer o que vamos compreendendo ao estudar, com eles, suas ações e seus conhecimentos”(ALVES, 2003, p. 03).

Para Azevedo (2003), as narrativas parecem ser a melhor maneira de apreender o cotidiano (p.128). Por isso é tão importante as narrativas como instrumento de pesquisa para esta metodologia. Esta dissertação se fará numa escrita narrativa. Através das narrativas buscaremos compreender o que acontece à nossa volta na complexidade que é o cotidiano de uma escola. Estar na escola significa vivenciar o espaço escolar como um todo: os corredores, a quadra, a cozinha, o refeitório, a biblioteca, a sala de aula, os movimentos, tudo o que nos cerca e que percebemos com nossos sentidos aguçados para um cotidiano múltiplo e rico como o de uma escola.

As narrativas expressam as redes tecidas na escola, revelam as

[...] potencialidades de expressões das relações, dos enredamentos, dos fluxos, das redes, do que, de fato, como descrição e/ou identificação do fato acontecido tal e qual aconteceu [...]. As narrativas tecem, ao mesmo tempo,

diferentes lugares praticados pelos sujeitos narradores e diferentes relações de *fazeressaberes* desses *narradores praticantes* (FERRAÇO, 2008, p. 31).

De fato, a pesquisa que me possibilita este envolvimento, essa possibilidade de construção conjunta de conhecimento, de vida, é a pesquisa no/do/com o cotidiano, pois assim estaremos caminhando juntas, eu e as alunas mães, para novas possibilidades e descobertas quando - mas não somente - pararmos para pensar e refletir sobre a questão dos tempos, meu e delas na escola, assim como Oliveira e Sgarbi (2008) afirmam que se sentem para além de tecelões, no sentido de que “o cotidiano me tece... Sou tecido por ele, além de tecê-lo” (p. 17). Estes mesmos autores afirmam que “todas as pessoas têm sua cotidianidade, por única que seja – e acredito mesmo que nenhuma pessoa tenha um cotidiano igual a outro, crença que é confirmada pela sabedoria de Heráclito, quando disse que ‘ninguém mergulha duas vezes no mesmo rio’” (p. 17).

Ao tecer a pesquisa no/do/com o cotidiano escolar

[...] não carregamos mais conosco os passos a serem dados para desenvolver uma pesquisa, mas simplesmente nos abrimos para acompanhar o que aponta ou sugere a realidade a ser investigada e os sujeitos professoras e alun@s que, como nós, estão envolvid@s no processo de pesquisa. Pesquisamos com o cotidiano, aprendemos com o cotidiano. E continuamos a trilhar o fascinante processo de encontro e desencontro de parcerias (GARCIA, 2003, p. 206).

E, por último, o quinto movimento denominado *Ecce homo* ou *Ecce femina*. Este movimento se refere aos *praticantes* do cotidiano escolar, para enfatizar a importância do sujeito na pesquisa, pois o mais importante não é a quantidade de sujeitos que participarão da pesquisa, mas sim a qualidade do trabalho realizado, o aprofundamento, a entrega dos sujeitos na pesquisa.

Cada praticante da pesquisa, cada aluna mãe trará sua concepção, sua trajetória, sua vivência, sua história, o que faz cada cotidiano ser único, por mais que estejamos entrelaçadas em uma rede de *saberesfazeres*. O sujeito da pesquisa, ou seja, as alunas mães são consideradas autoras do trabalho, o trabalho só pode ser realizado com a participação profunda delas, com o envolvimento, com a confiança, com o respeito e as discussões e confidências trocadas por e entre nós.

3.1 Procedimentos da pesquisa

Como já citado no capítulo anterior, a pesquisa foi realizada Escola Estadual Maria Ilydia Resende Andrade, localizada no município de Juiz de Fora, Minas Gerais.

Havia de início muitas alunas mães interessadas na pesquisa; conversávamos pelos corredores. Em princípio, eu pensava que os encontros aconteceriam após o término das aulas, ainda no turno da manhã, pois, no contraturno, ficaria complicado para elas, devido ao fato de que algumas alunas trabalhavam. Duas irmãs, Valéria e Fernanda, foram as primeiras a quererem participar das rodas de conversa, mas, no decorrer do ano letivo de 2018, fui perdendo-as para o cotidiano duro de suas vidas.

De toda forma, encontramos-nos no dia nove de maio, após o fim do horário de aula. Numa conversa informal no refeitório da escola sete meninas disseram querer construir comigo o trabalho: Valéria, Fernanda, Luciana, Cinthya, Marinez, Lucy e Regina. Elas disseram não ser possível o encontro com todas e que preferiam que os encontros ocorressem naturalmente, durante o cotidiano do colégio. Não acontecendo assim, como antes planejado, as rodas de conversa.

Em julho a aluna Valéria, com quem eu tinha mais proximidade e estava matriculada no nono ano do ensino fundamental, mas teve que sair da escola, pois seu marido estava jurado de morte. Eles recorreram ao projeto Fica vivo⁶, que consiste num programa que dá assistência para as pessoas que precisam mudar de cidade por algum motivo de violência. Valéria era mãe de um menino de 3 anos, lindo e inteligente. Ela o levava para a escola às vezes. Seu irmão foi meu aluno na escola em 2016. Ela me disse que nem eles próprios sabiam para onde iam. Que só saberiam no dia de ir embora e que de início só poderiam levar uma mochila cada, para não levantar suspeita. Valéria me relatou que sua sogra já havia perdido três dos quatro filhos e que ela estava desesperada para que eles conseguissem sair de lá com vida. Então de um dia para outro Valéria foi embora.

No segundo semestre de 2018 meus encontros com as alunas mães se tornaram mais constantes. A aluna Fernanda veio à minha sala pedir uma caneta emprestada perguntei se tinha notícias da irmã. Ela disse que sim, que estavam bem, só não podiam contar onde estavam ainda. Logo depois também perdi para a pesquisa a aluna mãe Fernanda, que tem

⁶Disponível em: <https://tribunademinas.com.br/noticias/cidade/25-03-2018/fica-vivo-olavo-costa.html>. Acesso em: 07 de fevereiro de 2019.

uma menina de quatro anos e também estava matriculada no nono ano do ensino fundamental. Fernanda foi visitar o namorado na cadeia e na hora da revista acharam droga escondida em sua vagina. Lá mesmo ela ficou.

A aluna mãe Luciana estava grávida. Doei para ela o carrinho de bebe da minha filha Alice, seu filho nasceu e dois meses depois faleceu engasgado tomando leite. Com isso perdemos o fio que nos ligava. E ela não retornou à escola.

No decorrer da pesquisa, fiquei, então, somente com quatro praticantes: Marinez, Lucy, Regina e Cynthia. Vivi diversos momentos de angústia em relação à pesquisa. Elas não queriam mais participar dos encontros que eu havia proposto e que haviam concordado nos nossos encontros pelos corredores, e nem de grupos pelo Whatsapp. Somente poderia conversar com elas por Whatsapp de forma particular. Diante da realidade de mundo que vivemos, sempre na “correria”, esta rede de informações rapidamente compartilhadas através da internet e dos aplicativos, o uso de uma rede social para o trabalho só ajudou a enriquecer a possibilidade de trocas de informações. A facilidade em trocar mensagens, imagens e vídeos faz com que os jovens usufruem de tal suporte para resolver situações cotidianas de várias espécies. BOTTENTUIT JUNIOR (2016) traz que

[...] hoje em dia, grande parte dos alunos, [...], já possuem um aparelho celular e, praticamente todos estes, são *smartphones* com possibilidades de acesso à Internet e aplicativos de comunicação como o *WhatsApp*. Outra constatação é que o referido aplicativo possui grandes potencialidades e possibilidades de exploração em todas as áreas do conhecimento. Além disso, em nível educacional, permite ricas experiências ao professor e ao aluno, assim como, um maior compartilhamento de informações.(p. 69)

Vimos, então, a partir dessa rede social uma maior possibilidade de troca de informações, e também a possibilidade de acompanhar as alunas pelos stories, assistindo os pontos marcantes e extraordinários de seus cotidianos, trazendo uma outra forma de ver, estar e vivenciar o tempo e os acontecimentos da vida delas. No estudo que realizaram, o mesmo autor citado acima observou que “[...] o aplicativo de comunicação *WhatsApp* vem despontando como importante instrumento em sala de aula, facilitando as comunicações e estendendo o espaço da sala de aula para além dos muros da escola, tanto na formação inicial, superior, bem como na formação continuada.” (BOTTENTUIT JUNIOR, 2016, p. 75).

Em maio, no nosso encontro, eu pedi o número de telefone das alunas mães e adicionei três das meninas, pois as outras não estavam com celular funcionando no momento. O fato de manter contato com elas por Whatsapp me ajudou muito na escrita da dissertação e no fato de me aproximar mais delas. Via cotidianamente seus “status” do Whatsapp contando sobre os acontecimentos em suas vidas. Vi amores novos, festas, fotos com filhos, cotidiano da escola, deboches aos amores antigos. Cheguei ao final do processo do trabalho praticamente com narrativas e material escrito somente da Marinez. Com as outras meninas somente conversas por Whatsapp ou relatos dos nossos encontros cotidianos na escola. Diante de vários desencontros, Cinthya não me entregou os documentos exigidos pelo Comitê de Ética. Sendo assim não pude trazê-la como praticante da pesquisa.

Iniciei o ano de 2018 com a proposta de que eu faria um convite para um primeiro encontro no dia nove do mês de maio, onde seria proposto que elas fizessem portfólios e que eu os recolheria para leitura no mês de julho.

Da leitura dos possíveis portfólios eu buscava quatro temas que mais se aproximariam das narrativas apresentadas por elas. Estes quatro temas seriam os temas geradores dos próximos quatro encontros, que estavam na minha organização premeditada (e infelizmente ilusória) para os dias: dez de setembro, vinte e quatro de setembro, oito de outubro e vinte e dois de outubro. Haveria ainda um último encontro para uma confraternização no dia dezanove de novembro. Esta era a proposta inicial do meu trabalho. O uso do portfólio tinha como objetivo que as alunas não ficassem presas somente à escrita, liberando e proporcionando outras possibilidades de representação para elas, como a pesquisa no/do/com o cotidiano nos aponta como terceiro movimento da pesquisa: *beber em todas as fontes*.

Carvalho (2001) nos elucida quanto ao uso do portfólio por ser um modelo que permite uma complexidade maior de informações. Ela traz sobre o uso com os alunos em sala de aula, mas que cabe a importância e ao objetivo que trazemos neste estudo.

A experiência empírica com portfólios na nossa prática educacional aponta-nos a influência afetiva a qual dispensa modelos rígidos, já que permite a multiplicidade de conteúdos e opções variadas de seleção, cabendo ao aluno, no caso, agente produtor do texto, a responsabilidade de construir respostas significativas, em vez de reproduzi-las. Aqui há uma nova forma da relação professor/aluno, deslocando-se para este a responsabilidade pela construção do seu conhecimento, portanto não cabe mais ao professor oferecê-lo já pronto. A ação educativa que se utiliza do portfólio possibilita um envolvimento maior do aluno com a sua aprendizagem e a dos colegas,

através de um processo dialógico entre professor e aluno e alunos entre si.(p. 98)

A ideia do uso do portfólio veio através da conversa que tivemos em minha qualificação do mestrado, onde a banca apontou que diante da pesquisa a ser realizada e da metodologia seria interessante a troca do diário pelo portfólio. Carvalho (2001) busca delinear alguns objetivos do uso do portfólio na escola:

- a) Instituir um espaço para oportunizar a constituição das subjetividades [...]
 - b) Oferecer ao estudante a oportunidade de documentar sua história [...]
 - c) Diminuir a barreira existente entre a residência de cada aluno, a comunidade e a escola [...]
 - d) Capacitar o aluno a elaborar e concretizar metas para sua aprendizagem [...]
 - e) Preparar o estudante para assumir responsabilidades por sua aprendizagem, pois ele deve se sentir comprometido perante si e a comunidade [...]
 - f) Ser um elemento gerador de idéias [...]
 - g) Veicular subsídios para tornar o portfólio um importante elemento de avaliação [...]
- (p. 99-100)

O uso do portfólio abriu um leque maior de possibilidades e formas de representação, dando mais oportunidade e liberdade para as alunas mães explorarem e representarem suas questões de maneira que alcançasse pelo menos um pouco mais, fielmente o que elas quisessem demonstrar – *bebendo em mais fontes*.

Sabia que enfrentaria muitos desafios para conseguir realizar tal projeto, mas, na época, não imaginava que estava sendo tão ambiciosa. Mesmo trabalhando com a pesquisa com o cotidiano já há alguns anos, as incertezas me deixaram um pouco perdida e desesperada em alguns momentos. Eu buscava seguir o cronograma planejado, pensava que talvez acontecesse uma mudança ou outra diante do que as alunas poderiam trazer de suas rotinas, compromissos, mudança de uma data, mas nunca uma reviravolta como foi nesta pesquisa.

Como é difícil realizar uma pesquisa com o cotidiano! Somos formados nas nossas escolas para as certezas. Aprendemos a responder perguntas, e não a elaborá-las, aprendemos e acreditamos que o científico é certo e inquestionável. Entender que as coisas não estão dando errado porque não saíram exatamente como planejadas, e sim porque estes fazem parte de um caminho que foi se constituindo através do que se apresenta no cotidiano, é muito difícil, até para mim que já sei disso diante dos estudos e das vivências cotidianas. Serpa

(2011) nos diz que, “Desfez-se o chão que sustentava a sólida e frondosa árvore das certezas. Tombada, galhos e raízes misturam-se, perdem sua ordem, seu ponto de equilíbrio, para se tornarem indistintamente possibilidades de caminhos.” (p. 4.)

Realizar um trabalho com outras pessoas que não dependa só de você, que respeite, valorize e considere a voz e o tempo do outro tanto quanto a sua voz e o seu tempo, tanto quanto a voz de autores e autoras já conceituadas é muito complexo. Uma pesquisa que tem como metodologia justamente não se basear nas certezas, e sim confiar nas possibilidades que emergem no cotidiano, não é fácil. Quando estamos trabalhando com certezas, com algo certo, cronometrado, o dado está lá e isso nos remete a uma segurança, que na verdade muitas vezes é falsa. Trabalhar com as incertezas, com as possibilidades, junto com o outro, com vidas e histórias de vida é muita emoção, envolvimento e coração.

Como mencionei acima, uma semana antes da data prevista que era dia nove de maio de 2018, coloquei nos murais da escola, com autorização da direção da escola, um convite (conforme APÊNDICE A), explicando de forma objetiva a pesquisa a ser realizada. Após este primeiro movimento, o primeiro encontro, então, se deu no refeitório da escola, que também serve como pátio para recreação e apresentações. Em um espaço aberto, com seis mesas e bancos compridos. Conversamos sobre a pesquisa, sobre a escola, sobre a violência no bairro.

Conversei com as alunas sobre a pesquisa, contei um pouco sobre minha história e como queria compartilhar com elas as experiências de serem alunas mães tão novas. Expliquei a elas sobre o comitê de ética, sobre os documentos⁷ a serem assinados e que gostaria de fazer com elas rodas de conversa, que, como expliquei acabaram não ocorrendo, pois as praticantes preferiram conversas informais.

Os horários dos encontros seriam definidos de acordo com as disponibilidades delas, mas, ao conversarmos sobre os encontros a fim de concretizar em datas, elas recuaram dizendo não querer que estes acontecessem, que não ficariam confortáveis com todas juntas. Trocamos alguns números de telefone para que mantivéssemos contato sempre que necessário.

Colocar-se ao lado dos sujeitos em um movimento de pesquisa, de investigação exige uma outra ética para qual nossa sociedade fundada na meritocracia, na competitividade, na individualidade, não nos forma. Por isso é um caminho que exige que os/as pesquisadores/pesquisadoras com o

⁷ Documentos no anexo C.

cotidiano tenham uma outra ética, fundada na solidariedade, no diálogo, no respeito, na cumplicidade de quem pensa/faz/está junto. (SERPA, 2011, p. 10)

Para a compreensão das nossas temporalidades que nos constitui, nós seres complexos, é importante que saibamos que este tempo que mensuramos e partimos e repartimos em instantes não está deslocado de nossa duração de vida, do nosso élan vital: esses instantes se prolongam continuamente.

No dia oito de novembro de 2018, durante o recreio escolar encontrei com as alunas para a entrega do material. Entreguei a elas uma pasta plástica⁸, com vinte folhas de ofício, vinte folhas coloridas e uma carta de apresentação⁹.

O dia estava chuvoso e muito corrido, pois eu ainda estava fazendo o cadastro das turmas de acompanhamento pedagógico no Programa Novo Mais Educação¹⁰, e tinha uma reunião marcada com quatro responsáveis de alunos para conversar sobre o ocorrido no dia anterior: alunos do quarto ano com cigarro de maconha na escola.

Encontrei com as alunas mães na hora do recreio, como eu já havia conversado com elas na segunda feira que entregaria o material, elas já estavam cientes do ocorrido. Entreguei para a Lucy, para a Regina e depois para a Marinez que, com um abraço bem afetuoso, me disse que eu poderia contar com ela para o que fosse preciso, pois sempre tive um carinho muito grande por seus irmãos. Fiquei emocionada, mas não demonstrei. Estou aprendendo a controlar melhor as emoções, não dá para chorar todas as vezes que tenho vontade, nem de felicidade e nem de tristeza. Mas nesse caso foi uma emoção, uma vontade de chorar de alegria, de gratidão. Na correria do cotidiano, quando nos param para doar um carinho, um abraço, a energia circula, e vem uma força maior, o peso alivia. Ficou faltando o da Cinthya, pois sua irmã não foi à aula e ela não foi ao colégio para almoçar; ainda estava de licença maternidade. Entreguei o portfólio no dia seguinte para sua irmã.

No final de novembro Marinez me procurou para comentar que estava tensa em escrever. Ela me perguntou sobre o nome dela no trabalho e eu reafirmei que não colocaria.

⁸Imagem no APÊNDICE B.

⁹ Imagem no APÊNDICE C.

¹⁰O Programa Novo Mais Educação, criado pela [Portaria MEC nº 1.144/2016](#) e regido pela [Resolução FNDE nº 17/2017](#), é uma estratégia do Ministério da Educação que tem como objetivo melhorar a aprendizagem em língua portuguesa e matemática no ensino fundamental, por meio da ampliação da jornada escolar de crianças e adolescentes, otimizando o tempo de permanência dos estudantes na escola. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-mais-educacao>. Acesso em 14 de fevereiro de 2019.

Disse a ela que não se sentisse assim, que fosse algo mais natural, sem pressão que só escrevesse o que tivesse com vontade.

A devolução dos portfólios ocorreu quando as aulas já haviam terminado o ano letivo. Quando pensei na organização do tempo não havia levado em consideração o calendário dos alunos do ensino fundamental II e do ensino médio. As aulas deles terminam mais cedo, antes dos alunos do ensino fundamental I, pois são destinadas duas semanas para recuperação e prova final.

No meio da confusão de final de ano, organização e passeio para as crianças no Sesc, lançamento de notas na plataforma do Novo Mais Educação, fora os acontecimentos cotidianos, aluno machucado, brigas, reunião com professores e professoras, etc, as alunas vieram ao meu encontro com as pastas. Agradei e combinei com cada uma que depois daria retorno do trabalho para elas. Que tentaria novamente a designação em 2019, mas mesmo que se eu não conseguisse que iria levar a dissertação para elas e que poderíamos nos reunir e conversar sobre a parceria que vivemos.

Lucy foi a primeira que me entregou. Depois Regina e por último Marinez. Cinthya não desceu para me entregar. Sua irmã Lara me avisou que ela não estava passando bem, mas que me entregaria antes do fim das aulas das crianças. No dia treze de dezembro fui até sua casa e ela me disse que o portfólio estava na casa do namorado, que depois me entregaria. O que nunca aconteceu.

3.2 Meu cotidiano na pesquisa

Meu objetivo principal com este trabalho era, como já foi dito, narrar como as alunas mães vivenciavam suas temporalidades na escola; diante de tantas temporalidades diferentes que as constituem únicas, saber dos desafios que as envolvem diante do contexto social que vivem. Mas diante das voltas e reviravoltas da pesquisa meu cotidiano na escola se tornou minha pesquisa vivamente. Os encontros aconteciam a todo momento, as alunas mães iam e vinham e partiam *como uma onda no mar*. Pensava que o drama que eu vivia com a pesquisa vinha da escolha que já havia feito há muitos anos ao escolher, como metodologia de pesquisa e, mais, como escolha de vida para se pensar e trabalhar a pesquisa no/do e com o cotidiano escolar. Já dizia Vicentini (2008),

Se o drama faz parte de nós, então, narrá-lo é clarear nossos trajetos de formação e os sentidos que produzimos em nosso trabalho. Possibilidades que podem se configurar na compreensão de elementos, ações que motivam a continuidade ou não de estar professor-formador. Se, então, “estudar o sujeito implica estudar relações entre sujeitos” como salienta Fontana (2006, p.229) esse processo se configura, continua a autora, de modo a “lidar com a multiplicidade na unidade do próprio sujeito” (p. 92)

E os meus dramas cotidianos continuaram com a licença da supervisora do turno da manhã. A partir desta licença veio uma substituta para o cargo que não conhecia o serviço e nem a realidade da escola. Isto concomitou com o fato de eu estar na coordenação da educação integral e ajudá-la também na supervisão da manhã. Muitos alunos me procuravam para tirar dúvidas ou para resolver pequenas questões do cotidiano escolar. Sempre estive disposta a ajudar a todos, mas confesso que este trabalho me gerou um desgaste muito grande, pelo tamanho da demanda exigida.

Em um dia cinzento de julho estacionei o carro próximo ao portão de entrada de alunos na escola, portão pequeno, de metal e pintado de verde claro. Passei pelo portão e já encontrei com Valéria e Fernanda, que são irmãs, encostadas na parede que usamos para exposição dos trabalhos da educação integral. Sorri e pedi para que tivessem cuidado com os trabalhos atrás delas. Valéria, mulher forte, negra, alta, me disse: *“tranquilo tia. Vamo estragar não. Posso falar contigo?”* Pedi que me esperasse rapidamente que eu retornaria para conversar com ela.

Perguntei o porquê dela não estar na sala de aula. Ela me disse que não iria mais estudar. *“Sou burra tia, não aprendo nada, eles falam e eu não entendo”*. Ela disse que não conseguia aprender, que tinha muita dificuldade, que não ia dar em nada mesmo. Conversei com ela, falei de seu filho de 3 anos, e do quanto ele precisava dela e do orgulho que teria da mãe se ela conseguisse terminar os estudos na escola básica. Falei das oportunidades depois da escola, me propus a ajudá-la nas matérias de maior dificuldade. *“não tia, para. Não adianta. Não quero ajuda, vou trabalhar em padaria, sei lá.”*

Ela me contou sobre a mudança. Disse-me que sairia do colégio, porque ela e o marido tinham que “sumir”. Explicou-me sobre o Projeto Fique Vivo. Disse-me que eles arrumam lugar para eles ficarem e até um emprego para retomarem a vida. Meu coração apertou. Pela

vida dela. Pela vida de seu filho. E, de maneira bem egoísta, por mim; sentia que minha pesquisa ia se deteriorando.

Antes de partir, sem saber a data certa da mudança, Valéria estava na escola conversando com outra professora no laboratório de Ciências, que ficava ao lado de minha sala de aula. Nesta época eu ainda estava como professora orientadora de estudos. Estava passando um filme para os alunos, cheguei na porta e Valéria me abraçou, disse que estava chegando o dia que ia embora. Que estava com medo da mãe descobrir que ela iria embora. *“Minha mãe fala demais tia. Ela bebe, fuma, fica doídoná. Ela vai lá encíma e fica falando as coisas. Já tiveram várias vezes pra matar ela. Tenho medo dela descobrir que vamos embora e dá com a língua nos dentes”*. Falei com ela que não deveria se preocupar com isso. Que quase ninguém sabia que o dia estava se aproximando e que daria tudo certo. Abracei com força e desejei toda sorte do mundo para eles. E foi o último dia que vi a Valéria. Deixei as crianças na oficina de Educação Física e fui para o laboratório de Ciências conversar com a professora Patrícia, responsável pela oficina de Horta e Jardinagem.

A professora Patrícia já trabalha na escola há bastante tempo. Ela é a professora escolhida para as homenagens. A professora que leva os alunos nos jogos, excursões. Que organiza a feira de Ciências na escola. Ela faz um movimento muito interessante e de certa forma tem uma proximidade muito grande com os alunos. Conhece todos. Ela me contou um pouco sobre a vida da Valéria e seus familiares. Eu a conheci no ano de 2016. Quando chamei o responsável do Luiz para uma conversa. A Valéria abriu o portão da escola e gritando perguntou quem era a doida que tinha chamado ela para falar do seu irmão. A doida era eu. Não conseguimos conversar direito, pois ela não queria estar lá. Pedi que ela avisasse sua mãe e ela disse que não adiantaria que ela não iria. Depois desse acontecido, quando precisei chamar a responsável do Luiz novamente, conversei com a diretora e pedi que ela ligasse e que passasse o ocorrido para a responsável. Luiz cheirava mal e os outros alunos não queriam ficar em sala. Eu tentava contornar a situação até que a professora eventual chegou na porta da sala e deu um grito: “Que fedor! Pelo amor de Deus, como você está aguentando ficar aqui?” Pedi que ela ficasse na porta da sala olhando as crianças e eu desci para passar o ocorrido para a direção. E foi a direção que conversou com a Valéria. Patrícia me contou que não havia chuveiro na casa deles. Que havia era um filete de água fria que eles usavam para se lavar. Falou-me do vício da mãe e dos vários filhos que ela foi arrumando ao longo dos anos.

Em setembro, Fernanda, irmã de Valéria, também aluna mãe da escola, me contou que a irmã ligou para ela e disse estar bem, que não falou onde estava, que não haviam conseguido

emprego para ela, mas que logo voltaria a estudar. Na escola comentaram que o companheiro de Fernanda estava preso devido ao envolvimento em um assassinato¹¹. Dizem que seu companheiro é considerado muito perigoso no bairro, e que tem a fama de gostar de matar com foice. Fernanda era mais tímida. Eu não tinha tanta proximidade com ela como com a sua irmã.

Fernanda também seria uma praticante da pesquisa, até ela “sumir” da escola. Ninguém sabia seu paradeiro, ou ninguém queria conversar sobre este assunto. Até eu conversar com Marcos, funcionário da limpeza, que há muitos anos trabalhava na escola. Ele disse-me que ela havia tentado entrar na cadeia levando droga para o namorado, e que foi descoberta na hora da revista. Perguntei sobre a criança; ela tem uma menina de quatro anos. Ninguém sabia com quem a criança estava. Têm coisas que não devem ser faladas na escola. Isso a gente vai aprendendo com o tempo de vivência naquele cotidiano. Existem muitas trocas de olhares e silêncios perturbadores. Fiquei arrasada com o ocorrido.

Penso ser muito interessante como a escola é importante na vida dos alunos e alunas daqueles bairros adjacentes. A relação é muito forte. Existe muito respeito com o bem comum escola. Nos muros da escola não há grafite, a não ser os feitos em oficinas pelas professoras, alunos e alunas da escola. Não temos relatos de roubo de objetos. Existem alunos de gangues rivais que convivem dentro do ambiente escolar. Entre os funcionários mais antigos e os alunos há muita parceria e confiabilidade.

Quando retornei à escola no dia nove de maio do ano de 2018 para conversar com as alunas mães, encontrei outras alunas que estavam sempre próximas de nós professoras por ter irmãos que frequentavam a educação integral. Quando me viram falaram saber da minha separação e me disseram que se eu quisesse dar a placa do carro dele ou da parceira dele que arranjariam o serviço e que eu não precisava saber de nada. Eu ri de nervoso. Disse: “Gente, vocês não estão falando sério, né?” Sim, eles estavam. Pedi que não fizessem nada. Que eu estava ótima. E que estava esperando abrir a chamada para a educação integral para voltar logo ao cotidiano delas e da escola.

No final do ano, no dia treze de dezembro, eu estava organizando as fotos e atividades para o portfólio da educação integral, já havia terminado meu turno de trabalho, mas queria terminar o trabalho do portfólio ainda na escola. Então parei um pouco para descansar.

¹¹ Disponível em: <https://tribunademinas.com.br/noticias/cidade/14-05-2018/bebe-de-um-ano-morre-apos-ser-vitima-de-bala-perdida-no-santa-candida.html>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2019.

Conversei com a Marinez por Whatsapp. Ela me disse ter ficado noiva. Vi a foto no *status* dela, na moto com seu namorado. Falei que estava muito feliz por ela. Ela estava radiante.

Assentei na beirada da mureta ao lado do portão de entrada da escola, quando vi a Lara entrar. Perguntei para ela o que aconteceu com a Cinthya, que não conseguia mais falar com ela. Ela me disse que ela ainda estava sem celular. Perguntei se elas moravam longe. Ela me disse que nem tanto, que era perto do “paredão”¹², mas que ainda era antes. Perguntei se sua irmã estava em casa. Ela me disse que ela estava se dividindo entre a casa da mãe e a casa do namorado. Perguntei se ela estava indo pra casa, ela disse-me que sim. Então perguntei se podia levá-la de carro para conversar com sua irmã. Ela adorou a ideia.

Perguntei ao Ricardo, professor de oficina, morador do bairro, se era perigoso chegar até lá. Ele disse que durante o dia não, mas que me acompanharia. Pela primeira vez nesses anos de trabalho na escola eu subi o bairro. Fomos no carro: eu dirigindo, Ricardo, na frente; atrás foram Lara e duas crianças que estavam na escola do lado e eram vizinhas, pegando uma carona.

Ao subir, contei para Lara que sua irmã mais nova, aluna da educação integral, me disse no passeio que fizemos ao SESC, que elas iriam para a praia nas férias e que comeriam bastante camarão. Lara riu e disse que a irmã sonhava muito. Respondi que adorava isso nela.

No caminho enquanto subíamos me deparei com vários alunos brincando ou passeando ao longo do morro. Chegamos na casa da dona Maria, mãe da Cinthya. As crianças desceram do carro e entraram na casa, eu e Ricardo ficamos esperando do lado de fora. Cinthya chegou na janela, me disse que havia deixado o material na casa do namorado. Que desceria com ele para mim no dia seguinte. Agradei. Mas não havia como virar o carro para voltar, a rua era muito estreita.

Ricardo me disse que mais à frente tinha como virar. Chegamos ao paredão. Ouvimos um grito: “É professora, ela é professora”. Apontei para o paredão, perguntando ao Ricardo se era ali. Ele pediu que eu não apontasse e disse que era ali sim. Então fizemos o retorno, mas Ricardo me alertou sobre outra possibilidade de caminho, me disse que eu poderia descer pelo morro na frente do paredão que também voltaríamos para a escola. Descemos, mas a passagem estava fechada. Então tivemos que voltar pelo mesmo caminho.

¹²O paredão é conhecido no bairro como um lugar que separa até onde as pessoas podem andar livremente; depois somente pessoas autorizadas. Lugar onde vendem drogas.

Na volta para a escola encontrei mais alguns alunos e alunas com suas irmãs, perguntei se estavam indo para a escola, se queriam carona. Disseram que não, me despedi e então seguimos descendo. Quase chegando na escola, o Bruno, aluno do terceiro ano e também irmão da Cinthya, estava subindo em direção à sua casa. Eu abri o vidro do carro e gritei: “Fui na sua casa”. Ele sorriu e me mandou um beijo. Disse: “Oi tia Ju!” Retornei à escola sem o portfólio e os documentos assinados do comitê de ética da Cinthya.

Por diversas vezes me pego refletindo sobre o difícil contexto de vida dessas alunas mães. Valéria, por exemplo, chegava atrasada na escola todos os dias, pois antes de ir estudar tinha que deixar seu filho na creche. Ela me contava que não podia contar com sua mãe, viciada em crack que dava mais trabalho para os filhos do que os ajudava.

Em novembro, Lara passou mal na escola. Busquei biscoito e café na cozinha pra ela e liguei para sua mãe avisando para buscá-la. Identifiquei-me ao telefone, pois já conhecia dona Maria de suas idas à escola. Avisei sobre a Lara estar passando mal e se eu poderia dar um remédio para ela que estava na minha bolsa. Uma *dipirona*¹³. Dona Maria disse que sim, e que desceria para buscá-la. Aproveitei a oportunidade e pedi que desse o recado para a Cinthya, se ela poderia descer com o material pra mim. Ela disse que daria o recado.

Um dia antes da entrega dos portfólios, depois de dois dias sem dormir, por conta do cachorro, que meu irmão pediu que ficássemos para fazer um teste de adaptação, latindo toda madrugada e da reclamação de vizinhos diante disso, dormi um pouco e pensei: chegarei na escola com mais energia. Havia muita coisa para fazer, com o início tardio da educação integral, vários cadastros, preenchimentos de dados e aplicação de provas tinham ficados acumulados.

Chegando na escola, num dia frio, com expectativa de terminar o cadastro dos alunos no programa federal Novo Mais Educação, me dou com alguns responsáveis de alunos que foram suspensos no turno da tarde para conversar. Eu disse que deveria ser tratado com a supervisão da tarde, mas que aproveitaria a oportunidade para colocá-los a par da situação das crianças no turno de minha supervisão. Depois disso vieram os encontros com os alunos maiores, brigas em turma, abraços em corpos feridos e tensos, discussões com professores, brigas em sala de aula. E quando surgiu a esperança de que eu talvez saísse no meu “horário certo”, eis que pedem para me chamar: alunos do quarto ano do ensino fundamental com maconha em

¹³A dipirona é um medicamento analgésico, antipirético e espasmolítico, muito utilizado no tratamento de dores e febre, normalmente provocadas por gripes e resfriados, por exemplo. Disponível em: <https://www.tuasaude.com/dipirona/>. Acesso em 12/02/2019.

sala de aula. Subi para chamar os alunos que estavam na confusão, descemos; gritaria, confusão, choro, arrependimento, desespero e serenidade e frieza por parte do Tadeu. Ligamos para os responsáveis dos quatro alunos envolvidos e marcamos uma reunião para o dia seguinte.

Em seguida, mais uma quarta feira chuvosa em novembro depois de muitos dias seguidos desse tempo climático que não corresponde às expectativas de uma primavera. Este dia correspondeu muito à minha sensação para o ano todo, ano especialmente estranho, triste, cinzento. Às sete horas na escola e algumas pessoas escondidas embaixo do refeitório devido à chuva intensa. Organizamos os alunos por ano escolar. Faltou um professor, organizei as turmas com o aval do professor de oficina que ficou com primeiro e segundo ano juntos. Consegui chegar na minha mesa de trabalho, que serviu prioritariamente durante quase todo o tempo que atuei como coordenadora para amparar minhas inúmeras sacolas de trabalho. Junto com a supervisora da manhã, que voltou de sua licença, organizamos as atividades para o sábado da Feira de Ciências.

Corri para recepcionar os convidados do professor Ricardo – responsável pela oficina de memória, cultura e artes – que chegaram para a roda de conversa com o terceiro e quarto ano sobre o Jongo¹⁴.

Após o término da roda de conversa nos deparamos com uma imagem em E.V. A¹⁵ de uma mulher negra e outra branca, uma de frente para a outra no mural de entrada da escola. Iniciamos os questionamentos e problematizações sobre consciência negra e consciência humana, termo utilizado pela bibliotecária que realizou a colagem do mural. As problematizações foram abertas aos alunos e alunas, demais professores e funcionários, que

¹⁴O jongo, ou caxambu, é um ritmo que teve suas origens na região africana do Congo- Angola. Chegou ao Brasil-Colônia com os negros de origem bantu trazidos como escravos para o trabalho forçado nas fazendas de café do Vale do Rio Paraíba, no interior dos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. A influência da nação bantu foi fundamental na formação da cultura brasileira. Para acalmar a revolta e o sofrimento dos negros com a escravidão e distrair o tédio dos brancos, os donos das isoladas fazendas de café permitiam que seus escravos dançassem o jongo nos dias dos santos católicos. Para esses negros africanos e seus filhos, o jongo era um dos únicos momentos permitidos de trocas e confraternização. O jongo é uma dança profana para o divertimento, mas também uma atitude religiosa permeia a festa. Disponível em: <http://jongodaserrinha.org/historia-do-jongo-no-brasil/>. Acesso em: 13 de março de 2019.

¹⁵Uma folha de E.V.A se caracteriza por ser um dos materiais de maior vantagem na confecção de produtos, artesanatos, lembrancinhas, enfeites e afins. Sua utilização pode ser repetida por diversas vezes, de acordo com o que o usuário desejar. Isso porque a folha de E.V.A. prima por altos índices de resistência, facilitando a vida de quem por ela optar. Disponível em: <https://www.amseva.com.br/possivel-folha-eva/>. Acesso em: 13 de março de 2019.

argumentaram que em uma escola de periferia, em que há mais ou menos um percentual de noventa por cento de alunos e alunas negros, devemos focar em trabalhos que discutem o empoderamento, a representatividade e a consciência negra. Assim, para eles, não caberia aquele tipo de discurso de imagem.

Mil e uma vezes te chamando, te solicitando. E o tempo, me pego pensando e refletindo em como associar as temporalidades a um tempo contínuo, diante das cobranças e rupturas de estar ali e estar aqui, de múltiplas funcionalidades em tão pouco tempo cronológico. Faço um trabalho de respiração quase diário, para um maior encontro comigo mesma diante de tanta solicitação e cobranças. Drama, drama, drama.

O drama pode impulsionar a construção de outra maneira de o professor-formador se relacionar com a constituição de seu fazer. O drama pode se revelar, então, como um elemento a favor do seu ofício, possibilitando formas outras de pensar ações cotidianas. Além disso, o drama também implica em tomadas de decisões, possíveis micro-decisões que desencadeiam na administração de tensões internas do sujeito. Questiona e se questiona, constrói e se constrói, configura e se (re)configura, enfim, ele movimenta as concepções que norteiam o fazer, pensar, ser e o estar do professor-formador. O drama é o lócus onde reside a movimentação de produção de sentidos construídos por tal profissional. O drama deflagra os sentidos de trabalho produzidos pelos professores-formadores. (VICENTINI, SADALLA, 2008, p. 93)

Tais dramas de minha vida me constituem um ser único de vastas experiências humanas marcado pela necessidade racional, cultural e social de demarcá-las e apontá-las pelo sentimento que elas fizeram emergir, e que em essência me constituem como um ser complexo, plural e singular.

Tempo espacializado. Este seria então o problema? Bastaria então desconsiderá-lo, abolir os marcadores temporais construídos socialmente de nossa vida? Não, a coisa não se dá por este caminho. Aqui se faz necessário o entendimento de que aceitarmos e desejarmos nos compreender como um ser em duração não implica e nem pode implicar em desconsiderar o tempo social, matematizado que dá o ritmo da vida social, mesmo porque somos seres sociais e vivemos em sociedade. Jamais poderemos desconsiderar ou ignorar tal fato. É essa possibilidade de perceber a simultaneidade entre dois fenômenos quaisquer exteriores a nós, que nos permite medir um intervalo de tempo. Este tempo espacializado é necessário à nossa expressão no mundo, pois, de uma forma ou de outra, é através deste tempo espacializado

que falamos que falamos da nossa duração interior. Talvez aqui possamos entender porque usamos deste recurso para falar de nossos sentimentos: “*a dor era tanta que um minuto parecia uma eternidade.*” Quantas vezes já não dissemos isso? Mas também é essa relação que estabelecemos entre nossos estados d’alma e os marcadores temporais que nos colocam tantas outras vezes sem palavras. (MONTEIRO, 2014, p. 173.)

No meu cotidiano de professora e pesquisadora encontrei com as praticantes da pesquisa repletas de seus dramas pessoais e nos descobrimos, descobrimos proximidades, amorosidades e conforto em situações vivenciadas de diferentes formas, mas com proximidades marcantes. Tomei-me diversas vezes (re)vivendo, ao escutá-las e vê-las no cotidiano escolar, o que vivi quando estava grávida ou pelo fato de estudar à noite, trabalhar durante o dia e ter um filho pequeno em casa, junto com as demandas que isso me tomava.

Certo dia Cinthya foi à escola buscar um trabalho que o professor de História separou para que fizesse. Fiquei com seu bebê pra que ela almoçasse. Monteiro (2014), ao falar dos encontros com as professoras de sua pesquisa para a tese de doutorado, enfatiza,

Cada um destes encontros produziu acontecimentos que talvez tenham sido uma parada no movimento, mas não uma parada do movimento da minha vida. Vida de mulher, mãe, esposa, filha, irmã, aluna, cidadã, pesquisadora, professora que constitui um modo de ser e estar no fluxo da minha própria vida e na inter-relação com outras vidas que se entremeiam à minha. (p.21)

E no decorrer deste dia minha filha me cobrou de buscá-la na escola, pois estava ficando cansada na van escolar. Meu filho machucou o pé em uma partida de futebol: “calma, passamos mais pomada hoje, deve ser muscular, aguenta mais um pouco, se não melhorar amanhã te levo no médico”. Foi um dia de pensar na inveja que dormi sentindo do namorado ao mostrar o segundo livro lido na semana; eu, logo eu, com várias leituras atrasadas e por hora sem tempo de inseri-las no cotidiano sufocado que vinha vivendo. Ou eu lia, ou dormia, e diante do cansaço de final de ano e das cobranças que chegam de várias instâncias, dormir já não era mais uma escolha voluntária, já vem de uma força maior, orgânica. Eu não mandava mais em mim e neste dia o corpo implorou por descanso e eu deixei. Assim como vários dias deste ano conturbado que foi 2018.

4. O TEMPO COMO DURAÇÃO E O MÉTODO DA INTUIÇÃO EM HENRI BERGSON

A verdade é que estamos mudando sem cessar
e que o próprio estado já é mudança.
(BERGSON, 2010, p.16)

Mesmo já fazendo referência a esta experiência da minha vida no primeiro capítulo, acredito ser importante enfatizar como me aproximei dos estudos do autor. Conforme escrevi acima, ainda na graduação, como bolsista da professora Dra. Luciana Pacheco Marques do Grupo Tempos, participei durante um tempo das reuniões do grupo do professor Dr. Tarcísio Jorge Santo Pinto, que estudava e ainda estuda o filósofo Henri Bergson.

Esta aproximação com uma forma diferenciada de pensar o tempo, não aquele tempo que estamos acostumados e que nos é apresentado e cobrado, o cronometrado, marcado por rupturas, mas um tempo que dura, um fluxo contínuo, de interligações nas experiências, de vida e movimento, me acalentou por diversas vezes as angústias que vivemos nos dias atuais, no cotidiano da escola, na vida com um todo.

A noção de tempo como duração é pensada e sistematizada por Bergson ao longo de sua obra, associada à noção de intuição que, segundo ele, é justamente o meio de conhecimento íntimo e profundo desse tempo real. Inicialmente explicada como uma atividade própria da consciência humana distinta da inteligência pura, na maturidade do pensamento bergsoniano a intuição passa a ser descrita propriamente como método filosófico de conhecimento.

Gilles Deleuze, um dos maiores estudiosos de Bergson, nos aponta três regras fundamentais desse método da intuição indissociadas da vida, da seguinte maneira: a primeira seria “*aplicar a prova do verdadeiro e do falso aos próprios problemas, denunciar os falsos problemas, reconciliar verdade e criação no nível dos problemas*” (1999, p. 8); a segunda seria “*lutar contra a ilusão, reencontrar as verdadeiras diferenças de natureza ou as articulações do real*”(1999, p.14); e a terceira, “*colocar os problemas e resolvê-los mais em função do tempo do que do espaço*”(1999, p. 22).

Na primeira regra do método, Bergson nos traz a diferença entre a descoberta e a invenção, pois, segundo o autor, “formular o problema, porém, não é simplesmente descobrir, é inventar. A descoberta incide sobre o que já existe, atual ou virtualmente; portanto, era certo que aparecesse cedo ou tarde. A invenção dá ao ser ao que não era, poderia não ter ocorrido

nunca” (BERGSON, 2006, p. 20). Fazendo uma reflexão sobre a maior parte das escolas em que estive inserida, e nos relatos de colegas e alunos sobre suas escolas, sobre a metodologia de ensino, há, uma grande preocupação na “transmissão” dos conteúdos, e nas respostas para tais aprendizados transmitidos. Pensar de forma criativa, inventar novas possibilidades, formular questões, abrir espaço para uma reflexão, nem sempre estão inseridos no cotidiano da escola como possibilidades para os alunos. O que torna o ensino muito duro e pouco aberto para invenções e possibilidades reais de problematizações e crescimento mais integral de um sujeito crítico. Bergson nos aponta que “é esse o ponto de vista em que se corre o risco de ficar caso se procure apenas compreender. Mas tentemos, além disso, gerar (coisa que só poderemos fazer, evidentemente, pelo pensamento)” (BERGSON, 2006, p. 22).

Bergson nos faz pensar que quanto mais pensamos e nos esforçamos numa reflexão profunda sobre os problemas já colocados, mais vamos percebendo que estes mesmos vão se diluindo e até mesmo desaparecendo. “[...] assim que percebemos intuitivamente o verdadeiro, nossa inteligência se emenda, se corrige, formula intelectualmente seu erro. Ela recebe a sugestão; ela fornece o controle” (BERGSON, 2006, p. 24).

De fato, muitas vezes os problemas não eram reais, e através do esforço da intuição, quando se percebe o verdadeiro, muda-se assim a formulação dos problemas. Bergson exemplifica através da situação de quando alguém fecha uma janela e volta várias vezes para conferir se a mesma já está fechada. O autor diz que “[...] seu poder de agir está lesado e que é esse o mal de que sofre: tinha apenas uma meia vontade de realizar o ato e é por isso que o ato realizado só lhe deixa uma meia certeza” (BERGSON, 2006, p. 23). Penso que este movimento já está mecanizado, não existe uma reflexão para tal, não existe assim uma real preocupação em refletir e aprofundar tal ato; assim, ele se repete inúmeras vezes, tal como nas escolas: o que é simplesmente transmitido, em geral não é fixado, não é aprofundado, refletido. Não há nas escolas uma busca pela compreensão real dos problemas, eles já estão postos e cabe ao aluno descobrir, diante do que lhe já foi colocado, as respostas (já esperadas) para as questões. Assim a importância em conciliar a criação e a verdade para a criação de verdadeiros problemas, somente através do estímulo e da abertura para uma educação mais criadora, teremos assim reais problemas inventados. “A verdadeira liberdade está em um poder de decisão, de constituição dos próprios problemas: esse poder, ‘semidivino’, implica tanto o esvaecimento de falsos problemas quanto o surgimento criador de verdadeiros.” (DELEUZE, 1999, p.9).

Na segunda regra, Deleuze nos coloca que “como método, a intuição é um método de divisão, de espírito platônico. Bergson não ignora que as coisas, de fato, realmente se misturam [...]” (DELEUZE, 1999, p. 14) O método da intuição de Bergson, é um método de divisão, para que se possa dividir os elementos que se diferem por natureza. O autor não ignora o fato de que os elementos já estão misturados, mas enfatiza a importância da busca dessas diferenciações de natureza. “Trata-se, portanto, de dividir o misto de acordo com tendências qualitativas e qualificadas, isto é, de acordo com a maneira pela qual o misto combina a duração e a extensão definidas como movimentos, direções de movimentos [...]” (DELEUZE, 1999, p. 15) Por mais que busquemos diferenciar os elementos, esta diferenciação só é realmente efetivada através da duração, que se dá através de uma existência real. Sendo a duração sempre renovação, ela também estará sempre se diferenciando por natureza. Quando se percebe a duração como tempo sem ruptura, como algo único, singular do ser, que nos diferencia dos outros, e também como algo múltiplo, pois somos compostos por vários elementos na nossa própria duração, compreende-se melhor porque a intuição apresenta-se também como método de divisão. Para Deleuze (1999),

[...] a representação em geral se divide em duas direções que diferem por natureza, em duas puras presenças que não se deixam representar: a da percepção, que nos coloca de *súbito* na matéria; a da memória, que nos coloca de *súbito* no espírito. Que as duas linhas se encontrem e se misturem ainda uma vez não é a questão. Essa mistura é nossa própria experiência, nossa representação. Mas todos os nossos falsos problemas vêm de não sabermos ultrapassar a experiência em direção às condições da experiência, em direção às articulações do real, e reencontrarmos o que difere por natureza nos mistos que nos são dados e nos quais vivemos. (p. 16)

A duração, fluxo contínuo de transformação, nos colocaria na direção do espírito na qual só poderíamos acessá-la através da intuição. É preciso a intuição da duração para que se compreenda e se identifique os falsos problemas. Nossa duração se dá através dos mistos, da multiplicidade de elementos, mas ter a intuição dessa nossa duração é o que nos faz ter a consciência de identificar os verdadeiros e os falsos problemas. A tradição científica nos coloca a todo tempo diferenciações de grau, assim como, na escola, o melhor aluno, o pior aluno, o mais inteligente, o menos esperto, isto está tão arraigado em nosso cotidiano que muitas vezes não conseguimos perceber. Bergson fala de uma diferenciação de natureza, que vem se contrapor à diferenciação de grau. Somos sujeitos diferenciados por constituição, por

natureza, e não por características pré-impostas que nos designam e nos separam quantitativamente por meio de características rasas, vazias e sem fundamento.

A terceira regra do método, “[...] dá o ‘sentido fundamental’ da intuição: a intuição supõe a duração; ela consiste em pensar em termos de duração” (DELEUZE, 1999, p. 22). Ou seja, a última, porém a mais fundamental e importante regra do método: pois, sem a compreensão da duração, não há a intuição, a primeira precede a segunda. Quando Deleuze nos coloca a terceira regra- resolver mais os problemas em função do tempo, da duração, do que do espaço, da matéria -, ele não anula a importância da matéria para o método, mas enfoca a duração como sendo mais importante e que sem ela não existiria nem a consciência da intuição. Ora, se temos como divisão, a duração e o espaço, teremos também as diferenças de natureza e de grau. Segundo Deleuze (1999),

[...] a divisão se faz entre a duração, que ‘tende’, por sua vez, a assumir ou a ser portadora de todas as diferenças de natureza (pois ela é dotada do poder de variar qualitativamente em relação a si mesma), e o espaço, que só apresenta diferenças de grau (pois ela é homogeneidade quantitativa). Portanto não há diferença de natureza entre as duas metades da divisão; a diferença de natureza está inteiramente de um lado. Quando dividimos alguma coisa conforme suas articulações naturais, temos, em proporções e figuras muito variáveis segundo o caso: de uma parte, o lado espaço, pelo qual a coisa só pode diferir em grau das outras coisas *ede si mesma* (aumento, diminuição); de outra parte, o lado duração, pelo qual a coisa difere por natureza de todas as outras *e de si mesma* (alteração). (p. 22)

Estas diferenças de grau, que Deleuze nos aponta acima, se referem, como mencionamos de passagem, exclusivamente ao quantitativo, ou seja, às famosas marcações que percebemos de forma exorbitante no cotidiano das escolas: o aluno mais inteligente, o menos inteligente; o mais capacitado, o menos capacitado; entre outras diferenças de grau, como renda, idade. A diferença de natureza se dá, essencialmente, no interior da própria pessoa e também em relação a outro ser: sou diferente do outro, e de mim mesma a todo instante, estamos em um estado de mudança incessante. Por isto a importância da intuição, que, na medida em que se conecta à duração real, nos liga também à criação contínua da diferença. Conforme ressalta Deleuze (1999),

[...] a intuição torna-se método, ou melhor, o método se reconcilia com o imediato. A intuição não é a própria duração. A intuição é sobretudo o movimento pelo qual saímos de nossa própria duração, o movimento pelo qual nós nos servimos de nossa duração para afirmar e reconhecer imediatamente a existência de outras durações acima ou abaixo de nós. (p. 23)

A intuição emerge através da duração, sendo uma manifestação da consciência, que une o conhecimento da duração com a capacidade de reflexão da inteligência. Bergson nos aponta que “a intuição, aliás, somente será comunicada através da inteligência. Ela é mais que ideia; ela deverá, todavia, para lograr transmitir-se, cavalgar algumas ideias. Ao menos, ela se dirigirá de preferência às ideias mais concretas, rodeadas ainda por uma franja de imagens.” (BERGSON, 1984, p. 122) Assim, para ele, inteligência e intuição caminham juntas. Deste modo pode-se chegar num absoluto, não mais conhecer por conhecer, não mais rodear o fenômeno ou objeto de conhecimento, mas sim se aprofundar nele, adentrar em seu íntimo, “simpatizar” com ele para conhecê-lo realmente.

Há uma realidade, ao menos, que todos apreendemos de dentro, por intuição e não por simples análise. É nossa própria pessoa em seu fluir através do tempo. É nosso eu que dura. Podemos não simpatizar intelectualmente, ou melhor, espiritualmente, com nenhuma outra coisa. Mas simpatizamos, seguramente, conosco mesmos. (BERGSON, 1984, p. 15)

Como desdobramento disto, Bergson (2010) assinala que é ao “próprio interior da vida que nos conduziria a *intuição*, isto é, o instinto tornado desinteressado, consciente de si próprio, capaz de refletir sobre o objeto e de o alargar indefinidamente” (p. 196-197). Assim, só conseguiremos nos adentrar na real duração da vida por meio da intuição, ou seja, por meio da real compreensão do seu movimento. Conforme destaca o filósofo francês, “a intuição de que falamos refere-se sobretudo à duração interior. Ela aprende uma sucessão que não é justaposição, e sim um crescimento por dentro, o prolongamento ininterrupto do passado num presente que penetra no futuro” (BERGSON, 1984, p.114).

Para Bergson (2010), portanto, o tempo real de fato é a duração, é o tempo que flui, o tempo em que duramos, nossos tempos de existências, que são movimentos contínuos, sem fim, de ciclos intermináveis e complexos: “a duração é o progresso contínuo do passado que rói o futuro e que incha avançando” (p. 19). Nesse movimento de mudança constante, não há

uma ruptura entre passado, presente e futuro, pois sou hoje quem sou graças ao que fui e estou sendo, a este caminho que é fluido e passível de mudança a todo instante, ou seja, o passado é o agora, assim, como o presente e o futuro. A vivência de fatos no meu passado, me fez ser e ainda me faz ser a pessoa que sou hoje.

5. O TEMPO E O COTIDIANO ESCOLAR

A reta é uma curva que não sonha.

MANOEL DE BARROS¹⁶

O tempo... Quando me deparei com a escrita deste capítulo da dissertação, me veio à cabeça a estória que eu havia separado para fazer uma leitura deleite com as crianças do quinto ano, antes de iniciarmos nossa aula de Ciências em 2018, trabalhei pouquíssimo tempo cronológico no quinto ano, mas foi muito especial e intenso. Foi um mês, e depois me passaram para a disciplina de matemática de duas turmas do segundo ano do ensino fundamental do Colégio de Aplicação João XXIII.

Geralmente eles chegavam muito agitados nas primeiras aulas da segunda feira. A leitura fazia com que eles aos poucos se organizassem em seus lugares, se acalmassem, e voltassem o foco para a aula.

Como nosso último trabalho juntos foi referente ao que não existia há mais de sessenta anos atrás e hoje pensamos não viver mais sem, resolvi iniciar a aula com o livro “O homem que roubava horas”, pois “ele roubava a pressa das pessoas” (MUNDURUKU, 2007, p. 8). O “ladrão de horas” questionava as pessoas e alertava que quando nos tornamos escravos do tempo, nossas vidas ficam sem sentido, vazias, sem brilho. “E tocamos nossas vidas, olhando os relógios que marcam as horas de nossas vidas, e esquecemos de marcar nossas vidas no tempo!” (MUNDURUKU, 2007, p. 25)

Conforme já citado no primeiro capítulo, quando iniciei minha experiência como professora na escola estadual que realizei a pesquisa, eu carregava um sentimento de imensa responsabilidade. Queria primeiro - pelo fato de não ser mais a bolsista, ou a estagiária, mas sim a professora responsável pela turma - cumprir meu papel com desempenho e responsabilidade, e, segundo - pelo fato da turma ter sido considerada difícil e já ter passado por outras professoras em menos de um mês, gerando nos alunos um sentimento de abandono

¹⁶Disponível em: <http://releasesrt.blogspot.com.br/2013/12/manoel-de-barros.html> Acesso em: 24 de março de 2017.

- queria suprir lacunas existentes e conseguir trabalhar de forma que atingisse a todos esses alunos com carinho e também responsabilidade.

Deparei-me com a grande cobrança do sistema para o planejamento do conteúdo a ser dado em sala de aula e em relação com as datas comemorativas na escola. Como aprendido na graduação, achei importante, para minha organização e da turma, o planejamento das aulas e o cumprimento dos conteúdos exigidos. Mas, a realidade no cotidiano nos faz ter que (re)inventar a todo tempo, buscar no extraordinário brechas para incorporar algo a mais ao conteúdo e, muitas vezes, principalmente no contexto em que a escola se inseria, trabalhar o respeito e o ouvir.

Sim, é de suma importância os horários, a rotina, o tempo cronológico para nossa organização, mas no “chão” da escola percebemos que para irmos além da repetição, para irmos além da reprodução, é preciso trabalharmos com outros tempos, outras possibilidades, outras oportunidades. O extraordinário, o que foge da certeza do planejamento é o que faz com que inspiremos e expiremos com alívio, para uma educação com sentido e questionamentos.

Hoje mais que nunca vemos a grande necessidade de incorporar diferentes perspectivas e ações com as crianças na escola, pois se não conseguirmos atingi-los, tocá-los realmente, eles não se interessarão pelas aulas e certamente não deixarão nós professores trabalharmos com os conteúdos que julgamos necessários e importantes para eles.

Nesse turbilhão de questões e cobranças, muitas vezes nos pegamos entrando no círculo vicioso do tempo cronometrado que rege a escola. Por isso é de suma importância pensarmos e refletirmos sobre o tempo na escola, de forma que respeitemos e consigamos alcançar esses alunos cansados da mesmice e desinteressados de uma escola sem criatividade, sem cor.

Segundo Freire (1995), “não me parece possível pensar a prática educativa, portanto a escola, sem pensar a questão do *tempo*, de como usar o *tempo* para aquisição de conhecimento, não apenas na relação educador-educandos, mas na experiência inteira, diária, da criança na escola.” (p.54)

Precisamos compreender que o cotidiano escolar é formado por múltiplos sujeitos e por múltiplos tempos que coexistem, nos apresentando e nos possibilitando formas distintas de experienciar o tempo. Cada sujeito tem o seu próprio tempo e traz consigo seus próprios

conhecimentos de vida, e é esse entrelaçamento de tempos, de sujeitos e de nossos *saberesfazeres*¹⁷ que nos encanta e que enriquece o cotidiano da escola.

A aprendizagem apenas do ponto de vista cronológico pode ser altamente equivocada. Dimensões como a lúdica, artística, intuitiva, emocional e outras ainda, carecem ser vistas e apreciadas. A emergência destas dimensões é o que de mais notável corre o risco, senão a certeza, de escapar de uma abordagem estritamente cronológica (SILVA, 2009, p. 48).

Desconstruir e construir novas práticas, novos saberes e novos valores, é essencial para uma escola mais rica e mais justa.

Na escola, o tempo cronológico é muito enraizado, sendo esse tempo considerado e pensado muitas vezes como algo natural e não como uma construção histórica. Pensar na marcação do tempo como uma invenção humana, nos ajuda a perceber e a compreender que outros marcadores temporais existem e que estes marcadores já existiam antes mesmo da invenção do relógio. Ora, há outros tempos que não são valorizados e nem percebidos pela escola, e quando não percebemos e valorizamos esses tempos, perdemos a oportunidade de enxergar as diferentes formas e os diferentes *saberesfazeres* que emergem nesse *espaçotempo* escolar.

Existem múltiplas formas de se experienciar e de se referir ao tempo. Kohan (2004), nos alerta que, no grego há mais de uma maneira de nos referirmos ao tempo: *chrónos*, o mais conhecido e que seria a perenidade de um tempo sucessivo. A soma do passado, do presente e por fim, do futuro e o tempo *aión*, que seria o tempo da vida, enquanto o tempo *chrónos* segue os números, o autor nos traz que o tempo *aión* brinca com eles.

O tempo *chrónos* é o tempo cronometrado. Assim como nossa sociedade, a escola é organizada pelo tempo cronológico. Ele organiza o calendário escolar e a rotina da escola, sendo muito importante para o funcionamento dela. Mas não podemos considerá-lo como o único, pois se só considerarmos este tempo, surgem angústias e um *enfraquecimento* do potencial de experiências das diferentes subjetividades na escola.

Podemos vivenciar diferentes formas de estar no tempo, para podermos experimentar diferentes sensações e percepções. É difícil, por exemplo, quando pensamos que temos que

¹⁷A forma de escrever juntas as palavras busca aproximar termos dicotomizados pela ciência na modernidade (PRIGOGINE, 2002).

trabalhar em um período de tempo demarcado de cinquenta minutos algum conteúdo de matemática e nesse meio tempo os alunos questionam, contam suas experiências, querem participar (e é importante que seja assim). Muitas vezes, o fato dos professores não conseguirem seguir com o cronograma apertado e já pronto faz com que surjam, entre eles, várias angústias, pois não veem para além do tempo *chrónos*, não reconhecendo muitas vezes a beleza e a riqueza que os alunos trazem para o cotidiano da escola. Correia (2012) nos fala sobre o tempo:

[...] fundamentalmente, o que existe efetivamente não é o tempo, senão a vida, os seres, os corpos que nascem, crescem e morrem. O rio que corre, o sol que sai e se põe, a semente transformada em fruto, a criança que cresce, o jovem que se torna adulto, o escolar que se torna cidadão e evoluciona nos movimentos da vida, dos seres. O tempo é a relação que estabelecemos entre referentes, para expressar esses múltiplos fluxos da vida. Transcursos e processos que culturas e instituições precisam vertebrar, compagnar, harmonizar, regular e controlar para a reprodução da vida em sociedade. (p. 139)

O tempo se constitui como fluxo, como um movimento contínuo em que tudo e todos estão relacionados. A noção de tempo que perpassa a tessitura desta dissertação é também, e talvez sobretudo, o tempo como duração para o filósofo Henri Bergson, que nos possibilita compreender e experienciar o tempo no cotidiano escolar em toda a sua intensidade e complexidade.

Duração para Bergson (1984) é um ciclo contínuo, um caminho sem fim: “a vida se empenha desde o começo em conservar o passado e antecipar o futuro numa duração em que passado, presente e futuro penetram um no outro e formam uma continuidade indivisa...” (p. 75).

Porque, para Bergson (2010), “... a nossa duração não é um instante que substitui outro instante: se assim fosse, não haveria outra coisa senão o presente, não haveria prolongamento do passado no atual, não haveria evolução, nem duração concreta...”; enfim, “... a duração é o progresso contínuo do passado que rói o futuro e que incha avançando.” (p.18-19). Esta noção de tempo como a vida que segue e segue em um fluxo ininterrupto, sem fim, tempo este não demarcado, e sim, tempo móvel, fluido, é o tempo que penso que deveria ser mais considerado na escola, tempo que daria mais vida ao cotidiano, que proporcionaria mais criação, mais participação, mais alegria.

Santos Pinto (2011) diz que,

[...] Na verdade, segundo Bergson, tanto a ciência quanto a filosofia quando se dedicaram ao estudo do movimento na natureza sempre buscaram encontrar por trás dele leis universais e eternas; desvalorizaram sempre o durável, o movente, o mutável. Contudo, conforme defende, é sobre esses princípios que se constitui a natureza. E nada há de menor nisso. Pelo contrário, são esses princípios constituintes que fazem da natureza o lugar da pluralidade, da liberdade e da criação. (p.41)

A duração é nosso tempo real, porém quase não a percebemos, pois a ciência moderna, a partir de uma inteligência instrumental, cada vez mais fragmentou nosso tempo, nossas atividades diárias, nossos compromissos, nossa realidade. Bergson nos dá um exemplo para elucidar a sua ideia de duração, relacionada à consciência, em contraposição à de justaposição de tempos que formaria, como vimos, o tempo cronológico; assinalando o hábito de nossa inteligência e comparando o nosso eu psicológico à imagem de um colar de pérolas, ele escreve que:

[...] onde existe uma fluidez de tonalidades evanescentes que se interpenetram, ela (a inteligência) só vê cores nítidas, e por assim dizer sólidas, que se justapõem como a diversidade de pérolas de um colar: necessário lhe é supor então um fio, não menos sólido, unindo as pérolas entre si. Mas se esse substrato incolor é a todo momento colorido por aquilo que o recobre, na sua indeterminação, é para nós como se não existisse. Ora, nós, precisamente, só temos percepção do que é colorido, isto é, dos estados psicológicos. Com efeito, esse substrato não é uma realidade: é, para a nossa consciência, um simples sinal destinado a recordar-lhe constantemente o caráter artificial da operação por meio da qual a atenção justapõe um estado a outro estado, na qual o que existe é o fluir de uma continuidade. Se a nossa existência fosse constituída por estados separados cuja síntese teria de ser feita por um “eu” impassível, não existiria para nós duração. Porque um eu que não muda não dura, e um estado psicológico que permanece idêntico a si próprio, enquanto não é substituído pelo estado seguinte, igualmente não tem duração. Em vão se alinharão esses estados uns ao lado dos outros sobre o “eu” que os suporta, jamais esse colar de sólidos poderá constituir uma duração que flui. A verdade é que se obtém assim uma imitação artificial da vida interior... (BERGSON, 2010, p. 18).

É como se vivêssemos uma vida *baseada* na nossa vida real, que passa a ser, na verdade, uma vida artificial. Parece-me que vivemos uma corrida, os dias estão se tornando

curtos diante do número de tarefas e responsabilidades que nós mesmos nos colocamos diante da realidade da vida cotidiana.

Em contrapartida, a percepção de um tempo contínuo é muito importante para conseguirmos apreciar a vida de uma forma mais leve, não menos complexa, mas que nos dá uma chance de perceber situações e acontecimentos, valorizar momentos que, talvez, ferozmente desconsideramos diante da correria e da cobrança que vivemos. Bergson (2010) diz que o passado se conserva, “acompanha-nos, sem dúvida, por inteiro, a cada instante: aquilo que sentimos, pensamos e quisemos desde a nossa primeira infância ali está, inclinado sobre o presente que se lhe vai juntar, fazendo pressão sobre a porta da consciência, que pretenderia deixá-lo lá fora” (p. 19). Como podemos chegar à sala de aula e desconsiderar a opinião e os contextos de vida dos alunos se eles e nós somos a própria duração? Por isto o meu receio em ficarmos tão presos ao tempo cronológico na escola, quando passam despercebidas enormes riquezas e vivências por entre essas marcações de tempo tão duras e tensas.

Santos Pinto (2011) traz que o “movimento considerado pela ciência moderna mecanicista não corresponde àquele que realmente forma a substância das coisas na natureza” e continua, “corresponde sim a sistemas fechados recortados junto a ela, onde vigora uma noção artificial de tempo, cunhada a partir das matemáticas, que se compõe de momentos instantâneos que não duram” (p.41). Segundo Bergson (2010), “o universo dura. Quanto mais aprofundarmos a natureza do tempo, melhor compreenderemos que duração quer dizer invenção, criação de formas, elaboração contínua do inteiramente novo.” (p. 25).

Mesmo Bergson não tendo escrito nenhum livro especificamente sobre a educação, com base nas reflexões que o filósofo francês desenvolve em suas obras diversas e textos de ocasião, bem como nas análises de comentadores que estudam a contribuição de suas ideias para o campo da educação, Santos Pinto (2011) reforça que, segundo esse pensador, “a educação deve estimular a liberdade e a criação. Deve favorecer a plenificação do ‘élan vital’, estar em consonância com a própria vida” (p.48) e conclui: “Fica claro, assim, que a educação para Bergson não deve ser mero acúmulo de conhecimentos que se repetem continuamente, mas, ao contrário, deve promover a renovação e a criatividade” (p.48-49). Assim, Santos Pinto ressalta a importância da compreensão bergsoniana de que do saber deve estar sustentado na experiência e em relação com a vida:

[...] de acordo com Bergson, para que a educação não se reverta em um mero meio de transmissão de conteúdos enciclopédicos e pré-estabelecidos e possa tornar-se um instrumento de desenvolvimento da criação e da liberdade, é necessário que ela se converta em um saber dinâmico fundamentado na experiência, que além de possibilitar ao homem o conhecimento, lhe dê força e lhe aponte caminhos para que ele possa bem viver (SANTOS PINTO, 2011, p.49).

O cotidiano escolar não comporta somente a linearidade e a marcação do tempo cronológico. Existe muita aflição para o professor que não considera outros tempos além do cronológico. Situações extraordinárias acontecem a todo o momento, fugindo do esperado e do planejado, trazendo assim possibilidades e experiências outras para se trabalhar os conteúdos.

Ao privilegiar o cumprimento do currículo escolar e deixar de atentar aos tempos dos alunos, impomos a estes as atividades programadas e deixamos de considerar seus conhecimentos e interesses. Os alunos participam ativamente das aulas, questionando e opinando sobre o conteúdo a ser trabalhado e sobre as atividades. Basta termos um olhar e uma escuta sensível para o cotidiano para percebermos o quanto eles contribuem para as práticas docentes, enriquecendo-as com seus conhecimentos e com suas opiniões. Refletindo sobre a relação entre duração, consciência, vida e liberdade, Bergson (1984) escreve: “parece-me, pois, verossímil que a consciência, originalmente imanente a tudo que vive, se entorpece quando não há mais movimento espontâneo e se exalta quando a vida se apoia na atividade livre” (p. 74).

Entendo que se não dermos oportunidade para as crianças agirem com espontaneidade na escola, elas vão perdendo vigor e se “automatizando”, não precisando e não se encorajando mais a arriscar e colocar suas vontades, seus sonhos e suas perspectivas de vida. Precisamos construir outro olhar para a questão do tempo. Precisamos refletir e enfrentar os desafios que o cotidiano escolar nos impõe, pois assim construímos outros valores, outros saberes e outras práticas, práticas estas que considerem o tempo do outro, que respeitem e valorizem a singularidade e a subjetividade de cada sujeito.

O tempo na escola não *existe* somente na forma cronológica, *somente não é* percebido e pensado através de suas diferentes formas, que se relacionem e coexistem, Como nos diz Oliveira (2012), “aprendemos no tempo e vivemos o tempo que aprendemos. Também vivemos num tempo e vivemos com ele. Dessa forma, a dimensão do tempo não se desvincula

da nossa experiência de vida” (p.23). Segundo Borba e Almeida (2015), na perspectiva da pesquisa no/do/com o cotidiano escolar,

[...] a questão do *objeto* da pesquisa em educação se coloca de modo inquietante, visto que a pesquisa em educação não se ocupa de *objetos* entendidos como pequenos fragmentos, como partes do real, mas busca conhecer processos e *fazeres* que dizem respeito à formação humana. (p. 146)

E continuam dizendo que a discussão que sustenta a ideia desse tipo de pesquisa, “tem o compromisso de ‘(...) perceber uma questão da qual foi útil fugir durante muito tempo, mas que hoje vem se colocando de maneira recorrente, exigindo uma resposta: é a de que tratamos como objetos o que, em verdade, são processos’”. (BORBA; ALMEIDA, 2015, p.146; grifo das autoras)

Neste sentido, para refletir junto com as alunas que se tornaram mães ainda no período escolar, tomarei como base, sobretudo a perspectiva de tempo de Bergson, pois quero refletir com elas não somente as experiências no cotidiano da escola, mas sim a “bagagem” de vida que elas carregam e que não se desvincula do cotidiano escolar. Serpa, no seu texto As alunas que fomos, as professoras que nos tornamos: conversas sobre as tramas de nossa formação, que está disponível em sua página na internet, traz que

As experiências às quais nos referimos, portanto, são aquelas que não são esquecidas, não são embotadas pelo tempo, ao contrário, são aquelas que quanto mais narramos, quanto mais revisitamos, mais se expandem em nós, mais nos produzem como sujeitos. São aquelas que quanto mais compartilhamos, mais significados encontramos, mais cresce em nosso peito e mais fundo nos marca a alma. Se nossa razão – este conceito produzido historicamente pela modernidade – é capaz de adquirir e processar informações, estas por si só não serão suficientes para produzir uma transformação dos sujeitos em sua relação com o mundo. E é exatamente neste ponto que a experiência faz toda a diferença. Na experiência, conhecer, viver, sentir, perceber, tornam-se elementos indissociáveis na produção do saber. Conhecer não basta. É preciso sentir. É preciso ser afetado pela vida do outro, pela narrativa do outro, pela experiência do outro. É preciso tornar-se senhor de sua própria palavra, narrá-la e ressignificá-la a cada narrativa. (p. 5)

Através dos encontros no cotidiano, através das trocas de experiências e compartilhamento da vida, conseguimos, pelo menos um pouco, nos afetar e ser afetados. Havia trocas e confissões e isso é importante para que aja uma real troca de conhecimento do outro. Considerar outra forma de pensar e viver o tempo no cotidiano, como procuramos destacar mais acima, é importante, pois, o tempo mecânico não é a transposição do tempo real, mas sua representação artificial, pois podemos viver diferentes formas de estar no tempo, para podermos experimentar diferentes sensações e percepções. E para além da representação artificial do tempo, temos a duração, tempo real, vivido, tempo fluxo, tempo em que buscamos juntas entrelaçar vivências e sentimentos.

6. EXPERIÊNCIAS, COMPARTILHAMENTOS E DESAFIOS: LENDO INSTANTES, TECENDO A VIDA

Filhas do gueto¹⁸

comunidade negra percebida e desvalorizada
minha pele é vista como motivo de piada
tatuada até a cara com chicote
eu tô de pé pela injustiça que se move

a vida é bem desse jeito
mas sou humana e tenho um coração
que ainda bate no meu peito
eu exijo todo o respeito

racistas que só vomitam gomas de patifarias
vim do morrão de escola pública
sinto que sou tratada com diferença
por minha pele ser escura

são os meus traços, a minha conduta que não lhe convém
muitas não se contém quando veem
e, apesar de tudo, todos os dias continuo lutando
para me enxergarem como alguém

era por condução?
venderam nossas vidas a preço de feijão
é duro e triste de aceitar
resistente escravidão que quer me chicotear

de lá pra cá,
sem tempo pra acabar viva
a cidade na alma e o desespero no olhar
de quem já viveu de tudo e nunca vai recuar

eu vivi, senti, presenciei tretas ruins
sem fim, ouvi termos famosos e populares,
que saem de bocas, que não falam, só latem
“os de cor só emitem sacanagem”

espaço na mídia, erraram na vida
sou negra, cabelo duro e sinto que não sou bem-vinda
é murro no sistema, é game-over, beleza-padrão
daqui pra frente vamos impor: quero tom de pele e cabelo na televisão

¹⁸ Disponível em: <<https://tribunademinas.com.br/especiais/outras-ideias/22-10-2017/jaiane-e-lavinia-duas-vozes-em-nome-de-muitas-outras.html>>. Acesso em: 28 de novembro de 2018. Foto no anexo B.

eu tô preparada, eu armo minhas raízes contra a sociedade
mais uma estrela prestes a brilhar nessa cidade
sou ancestralidade,
eu guerreiro por igualdade

tenho convivência com esse tipo de realidade
as revoltas contra os valores de minha identidade
mesmo com tanta discriminação
espero que em meu destino, o que chamam de justiça, entre em ação

para os branquinhos,
nós até somos atração
pros gringos que vem de fora,
então só querem meter a mão

estupraram nossos limites
querem costurar as nossas bocas enquanto a gente ainda vive
tropeçaram no respeito e querem pôr disciplina em quem é de raiz
poxa, filha do gueto!

Início este capítulo com a letra de uma música de duas alunas da escola. Alunas que participam da Associação Lixarte e do Conselho de Igualdade Racial do bairro. Elas sempre realizam apresentações nos eventos da escola, emocionando-nos muito com suas verdades, garra, beleza e empoderamento.

Perpassando um pouco pelas minhas vivências e lutas diárias, me perguntava sempre como as alunas mães viviam tantas funções de tamanha responsabilidade, como era para elas lidar com as questões da escola, adolescência, violência, expectativas de futuro.

Do meu encontro quase cotidiano com as alunas, veio crescendo uma cumplicidade e amizade. Quando em agosto de 2018 passei de professora de orientação pedagógica da educação integral para coordenadora, minha aproximação com os alunos e alunas da escola se deu de forma mais intensa.

Colocar-se ao lado dos sujeitos em um movimento de pesquisa, de investigação exige uma outra ética para qual nossa sociedade fundada na meritocracia, na competitividade, na individualidade, não nos forma. Por isso é um caminho que exige que os/as pesquisadores/pesquisadoras com o cotidiano teçam uma outra ética, fundada na solidariedade, no diálogo, no respeito, na cumplicidade de quem pensa/faz/está junto. (SERPA, 2011, p. 10)

Marinez, Lucy, Regina e Cinthya, alunas, mães, irmãs, mulheres. Como materialidade de estudo, das quatro integrantes do trabalho, somente Marinez construiu narrativas. Com as alunas mães Lucy e Regina, tenho como materialidade de estudo as conversas que tivemos e construímos através da rede social Whassapp – *beber em todas as fontes*. Com a Marinez também houve trocas de mensagens via Whatsaap. A Cinthya não me retornou com o portfólio e não tivemos contato pela rede social devido ao fato dela estar sem celular. Nossos encontros se deram no cotidiano da escola, com suas idas para levar e às vezes buscar os irmãos na escola e para a busca de trabalhos que alguns professores disponibilizaram devido à licença maternidade. Para almoçar e para lanchar.

Todas nós nos encontramos com afinidades e proximidades de vivências e sentimentos. A cada encontro, olhar, conversa de corredor, íamos desmontando nossas armaduras e deixando os encontros mais leves e confiáveis.

6.1 MARINEZ: a mulher fortaleza

Marinez¹⁹a mulher fortaleza. Sempre tive uma imagem muito forte da aluna Marinez, e a convivência foi me revelando seu tamanho gigante, o tamanho de sua vontade, maturidade e garra. Ela foi a única aluna mãe que escreveu no portfólio narrativas de seu cotidiano e vida.

Como coleção de experiências que comunicam interesses e evidenciam talentos, o portfólio pode contar uma história, revelar interesses, contribuições, estudos ou sutis esforços ao ser compartilhados com todos que se interessem. Poderá conter listas de livros, reflexões sobre leituras, pensamentos, avaliações, comparações, cartas, fotos, artefatos, leituras, observações sobre escritores, temas específicos, poemas etc. Ele poderá ter como sua companheira uma caixa para colocar objetos que sejam relevantes em significados individuais. Contribui, assim socialmente para o aprendizado de todos que convivem no mesmo contexto. Reflete conhecimentos, mudanças e avanços dos sujeitos envolvidos nesse processo educacional. (CARVALHO, 2001, p. 99)

¹⁹ A imagem do desenho realizado pela Marinez está no ANEXO D.

O uso do portfólio foi muito válido para a aluna mãe Marinez. Ela aproveitou o instrumento de pesquisa como local de desabafo e de diálogo. No dia oito de novembro, dia que entreguei o portfólio para elas, Marinez escreveu:

Bom...

Eu me chamo Marinez tenho 19 anos moro no bairro Olavo Costa onde eu nasci e cresci. Perdi minha mãe a 4 anos e ela me deixou 3 menores somos só eu e meu pai e meus irmãos.

No começo foi um susto enorme quando eu perdi minha mãe, eu era um pouco mais nova e não estava sabendo lidar com a situação “como assim três crianças pra mim cuidar” meu pensamento era só esse...

Perdi um pouco a minha liberdade por conta disso mais aos poucos to sabendo lidar kkkk não é fácil todo mundo sabi ainda mais pra mim que estudo ainda graças a deus esse e meu ultimo ano kkkmais nos últimos anos foram bens complicados mais com a ajuda de alguns familiares deu tudo certo e espero que continue dando.

Fui professora de dois irmãos da Marinez. Em 2016 fui professora regente da Joana na escola no turno da tarde. Em 2017, fui professora de orientação pedagógica da Joana e do Saulo no turno da manhã na educação integral e no ano de 2018 fui coordenadora deles na educação integral também no turno da manhã.

Como professora regente, tive contato com o pai da Marinez uma vez, que chamei para uma reunião para conversar sobre a Joana. O pai chegou na escola alcoolizado, e a partir daí fui informada que era para conversar com a irmã mais velha caso fosse preciso, ou seja, a Marinez. A partir de 2017, trabalhando no turno da manhã, fui me aproximando mais da Marinez e da história deles.

Sempre tive um carinho imenso pelas crianças, principalmente pela Joana de quem fui professora por mais tempo. Sabia das dificuldades que as crianças passavam, das condições em que viviam e do esforço da Marinez, que fazia o melhor que podia.

Tentei uma vez fazer contato com um projeto de uma universidade particular, que ajudam a reformar casas de pessoas em condições de necessidade extrema, com a ajuda de mão de obra de estagiários em arquitetura e uma empresa privada que ajuda com o material necessário. Entrei em contato com o responsável e narrei sobre a família e o contexto de vida deles. Por causa da localização da casa, ela disse não ser possível realizar a reforma, pois tinha que garantir a segurança dos estagiários.

Marinez narra mais um pouco sobre sua vida,

Sem data

No dia a dia as coisas ainda são um pouco complicadas.

Como minha mãe morreu e eu sou a mais velha das meninas a responsabilidade da casa ficou tudo pra mim, sou eu que arrumo a casa lavo roupa faz o janta e almoço e assim vai.

Quando eu estudava era doida pra trabalhar mais pensando bem foi até melhor eu não ter conseguido. Emprego naquela época. Imagina estudar, trabalhar e casa pra cuidar e ainda tinha meus irmãos mais a escola onde eu estudava me ajudou muito de verdade mesmo.”

Quando eu estava ficando “louca” já .minha escola apareceu com um projeto que se chama “tempo-integral”. Caramba esse projeto me tirou do sufoco, meus irmãos ia pra escola as 07:00 hrs e saiam 17:15 hrs foi uma benção.

Agora graças a Deus eu me formei no ensino-medio quero muito conseguir um Emprego bom firma minha cabeça e continua a missão que minha mãe me deixou...

Nesta narrativa Marinez fala da importância da educação integral em sua vida. E aponta marcadores de tempo para apontar como foi essencial para ela que seus irmãos mais novos pudessem estar na escola durante a manhã e à tarde. Não somente por trabalhar com a educação integral na rede estadual de ensino, mas penso ser um projeto de suma importância para as crianças, principalmente as que vivem nas periferias, em algumas situações de abandono e pobreza.

Temos alguns alunos na escola que com nove anos de idade já estão envolvidos como “aviãozinhos” na comunidade, a educação integral oferece para eles a oportunidade de estar na escola para desenvolver atividades esportivas, culturais, brincadeiras, tudo isso com alimentação, aprendizado e cuidado. E, para os responsáveis que trabalham, um lugar seguro para os filhos.

A educação integral nos dá uma abertura para trabalharmos as experiências na escola de uma forma mais abrangente e sem uma rigidez demarcada pela cisão dos horários formais. A busca pela interdisciplinariedade e o envolvimento dos profissionais em temas geradores envolvem os alunos em experiências mais complexas, profundas e divertidas.

Nessa linha de estudo vemos o surgimento dos marcadores temporais como uma necessidade que os seres humanos têm de organizar as ações da vida em sociedade de forma a ter uma harmonia de ações. No entanto, nunca é demais reafirmar que, se retirarmos desta relação a dimensão interna, teremos apenas uma justaposição de instantes e não sucessão no tempo.

Podemos continuar usando a palavra *tempo*, mas teremos apenas um tempo simbólico, convencional, uma grandeza introduzida de forma a auxiliar no cálculo de outras grandezas; entretanto, não mais estará se tratando do tempo experimentado, vivido, real. Em outras palavras, da experiência temporal. Para que haja o tempo real, há que se ter uma relação de sucessão, em que alguma memória, alguma consciência interligue um antes e um depois, para que então possa haver continuidade, movimento, fluxo contínuo, duração. (MONTEIRO, 2014, p. 32)

É muito interessante quando nos damos conta de como somos levados pela cobrança externa, a cobrança de horários, conteúdos “mastigados”, pela correria do dia a dia sem perceber que estas rupturas nada mais são que construções sociais para nossa vida em sociedade, que sim, são de suma importância, mas não são elas que determinam e direcionam nossas vidas, ou não deveriam.

Nas conversas com Marinez me peguei pensando a forma que ela traz a quantidade de tarefas que tem que exercer em seu cotidiano como irmã e mãe de seus irmãos e o fato dela mostrar que ela também precisa de atenção e cuidados.

Em diversos momentos ela conversava comigo e dizia, “*eu também tenho uma vida, eu quero uma vida minha*”. Num determinado momento perguntei para ela o que ela queria dizer com isso. Perguntei: O que você quer da sua vida? Ela respondeu: “*Eu quero ter tempo tia.*” Comentei com ela que a vida dela era dela, que talvez não fosse como ela sonhava, mas que eu achava que fazia mal para ela achar que estava “vendo sua vida de fora”. Pedi que imaginasse como se estivesse em um trem, a todo vapor, sentada na janela, só olhando um turbilhão de acontecimentos exteriores. Como se estivesse fora dos acontecimentos de sua vida e realidade. Você está ali, e não aqui. Sua vida está seguindo, e todo esforço e dificuldade que você passa e vive a constituem como o ser único que você é. Sugeri que dividisse as tarefas de casa com os irmãos mesmo ainda sendo pequenos, eles teriam que ajudar em casa. Alertei ao fato de que ela não era a mãe, mas a irmã. Que é doloroso toda a situação para eles, como também para ela.

Essa passagem se encravou em minha memória, pois tudo o que falei com ela, era o que eu também precisava ouvir. Essas relações que vamos criando são incrivelmente transformadoras de vidas. E quando vemos pessoas tendo vivências singulares, mas que conversam com aflições e desafios cotidianos seus particulares há então uma afetividade, um pacto. Mesmo que silenciado, mas a sensação de que estamos juntos e não mais sozinhos.

26/11/2018

“Oi kkk.....

Estou escrevendo outra vez: um pouquinho da minha história

Hoje em dia está sendo um pouco mais tranqüilo. meus irmãos ficam na escola de 07:00 hrs até as 17:15 eu ainda não trabalho mais estou a procurar. meu pai está desempregado mais graças a deus tem uns bicos que ele faz e consegue manter a casa e eu ajudo como posso.

Meu pai e eu fazemos o possível e o impossível para não falta nada para os menores e graças a Deus não falta.

Estamos passando por uma fase complicada porque as crianças estão um pouco rebelde estão dando um pouquinho de trabalho kkk mais acontece ainda mais que agora que a fixa ta caindo aos poucos por conta da morte da minha mãe, mais aos poucos vamos sabendo lidar com isso...”

Sempre que foi preciso conversar com um responsável das crianças, eu recorria à Marinez como já narrei acima. No decorrer do ano de 2018, as crianças Joana e Saulo que ficavam na educação integral no turno da manhã não se adaptaram muito bem com a professora responsável pela turma, o que gerava desgaste para os dois lados. E diante deste desgaste, a Marinez no início do projeto, era muito requisitada. Com o passar dos meses e com o fato de ficar tirando ela de sala para resolver problemas de disciplina dos irmãos, conversei com a diretora para que evitássemos chamá-la, pois estávamos atrapalhando seus estudos na escola, e também designando imensa responsabilidade que sabíamos que ela tinha adquirido, mas que sabíamos também que era carga demais só para ela.

Sem data

“Bom, eu me sinto cansada de tudo tem hora porque é muita coisa pra uma pessoa só sem contar que minha responsabilidade tinha dia que eu tinha vontade de sumi sabe!? Pra ficar longe disso tudo.

me sentia incapaz achava que oque estava fazendo não era o suficiente. Eu também não imaginava que tudo cairia nas minhas costas do nada assim: é na época que minha morreu eu entrei em depressão agora você imagina tudo junto. “imaginou??” acho que nem vocês imaginando. Vocês teria a noção de como era meus dias.

Mas hoje eu me sinto melhor. aprendi muitas coisas com isso tudo. tudo que eu fasso é pensando nos meus irmãos. vou fazer por eles oque minha mãe quando estava ai fez por nós quero ser lembrada por eles como eu me lembro dela não importava as dificuldades ela sempre sorria as vezes chorando por dentro mais nunca deixou a gente de lado sempre ali dando de tudo de tudo mesmo nunca deixou faltar nada muito menos “AMOR”

Quero ser lembrada assim por eles....

Diante de tanta responsabilidade que eu já carrego como mulher e mãe eu me sinto impressionada comigo mesma por eu ser tão jovem conseguir carregar isso tudo nas costas e complicado fico pensando se fosse outra menina no meu lugar com a mesma idade não agüentaria.

“Meu sonho é ter um Emprego bom uma casa maravilhosa quero me formar em veterinaria abrir uma clinica, viajar pra fora do Brasil e assim vai.”
“Meus medos é não conseguir fazer nada disso mais fora isso eu já enfrentei meu maior medo que era perder minha mãe. Int. agora to de boa.”

Conversando com a Marinez pelo Whatsapp fiquei sabendo que está noiva. Ela me disse estar muito feliz. Mostrou-me uma foto com seu noivo em uma moto. Estava radiante. Eu disse para ela não desanimar dos estudos que iniciando o ano escolar em 2019 que eu iria ajudá-la a fazer um currículo para procurarmos um emprego para ela. E assim fizemos.

Dou carona quase todos os dias para minha vizinha de manhã, quando saio para deixar o Lucas na escola e ir trabalhar. Esta vizinha trabalha para o programa Jovem Aprendiz²⁰. Perguntei sobre o programa e se teria como a Marinez participar. Ela me disse que teria seleção e que daria sim para ela participar. Falou-me da importância de ter no programa jovens com garra e tanta vontade de trabalhar. Passei as informações necessárias para Marinez, o contato da minha vizinha e ela me pediu ajuda para organizar a documentação, pois participar do programa era seu maior sonho. Perguntei como estava a vida e as crianças. *“Ju, sai de casa. Aluguei uma casinha mais pra cima do morro, e trouxe minhas irmãs. Preciso muito de um emprego”*. Ela não me deu muita abertura para mais conversa sobre o assunto. Imagino que seja pelo fato de um irmão mais velho ter voltado para a casa do pai, o que deixou as crianças bem agitadas ainda no final do ano letivo na escola. Ela relatou só ter levado as meninas para morar com ela.

O dia da entrevista e entrega dos documentos caiu no mesmo dia que ela deveria ir para uma entrevista de emprego como empregada doméstica. Ela me ligou aos prantos. *“Ju, o que eu faço, pelo amor de Deus. Como empregada vou ganhar um salário, como aprendiz metade de um salário. O que eu faço?”* Pedi para ela que me desse um tempo para organizar os pensamentos que ligaria de volta. Liguei para minha vó. *“Vó, o que eu digo? Como posso interferir numa coisa dessas.”* Minha vó bem serena me disse que era para eu seguir meu coração, que eu saberia o que dizer. Liguei para a Marinez e disse: *“a decisão é sua, mas como te conheço já há alguns anos e tenho um carinho muito grande por você e seus irmãos mais novos, vou te dar um conselho que eu daria para minha filha, como mãe. Você*

²⁰O programa Jovem Aprendiz foi instituído de acordo com a Lei nº 10.097/2000, regulamentada pelo Decreto nº 5.598/2005. Destinado a oferecer vagas de empregos para jovens entre 14 e 24 anos. Disponível em: <https://jovemaprendiz.net.br/>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2019.

acabou o ensino médio agora, é nova, tem uma vida inteira pela frente, se for trabalhar de empregada doméstica, corre o risco de não sair mais disso. E você sempre me falou do seu sonho de estudar e cuidar dos irmãos. Vá atrás dos seus sonhos. No jovem aprendiz você vai trabalhar meio turno, o que te dará oportunidade de estudar. De cursar uma faculdade.” Ela chorava tanto. Eu disse que a apoiaria na decisão que tomasse. Mas que ela poderia contar comigo sempre, que não faltaria para ela e as irmãs um colchão e comida. Minha vizinha me disse que no jovem aprendiz há uma grande chance de ser contratada depois do programa, que isso acontece com muitos participantes.

Marinez foi participar da seleção do jovem aprendiz. E os áudios dela são emocionantes. Ela fala da felicidade de participar. Que ela adorou. Ela fala da felicidade em entrar em uma escola (na verdade ela foi fazer a seleção em uma universidade particular) tão grande e linda para fazer a entrevista. Depois deste primeiro movimento ela aguardará ser chamada para alguma vaga que o entrevistador pense ser o melhor para ela e para a empresa.

6.2 Regina: a mulher decidida

Conheci a Regina através de sua irmã. Sua irmã era babá de uma aluna minha ainda quando trabalhei no turno da tarde no ano de 2016. Quando passei a trabalhar no turno da manhã em 2017 conheci melhor a família delas. Segundo a organização mundial da saúde (OMS), a América Latina é a única região do mundo onde é crescente o número de adolescentes grávidas menores de quinze anos²¹. É essa triste constatação que vemos no cotidiano da escola.

Regina engravidou aos quatorze anos de sua filha Maia, hoje já com quase três anos. Deparava-me sempre com sua irmã e Maia nos corredores da escola. Ela a ajudava muito quando não tinha com quem deixar sua filha. Diversas vezes assentei com elas no refeitório para poder brincar com Maia e a pegar no colo. Conversei com ela sobre a pesquisa a ser realizada num desses encontros. E mantivemos o contato pelos corredores da escola. Este contato, do refeitório, dos corredores, dos espaços da escola como um todo, estreitou a relação com a aluna mãe. Pois não havia uma formalidade dura, descontextualizada do cotidiano dela.

²¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/noticia/brasil-tem-gravidez-na-adolescencia-acima-da-media-latino-americana-diz-oms.ghtml>. Acesso em: 9 de abril de 2019.

Conversávamos quando podíamos, no tempo e espaço oportuno do cotidiano. Na pesquisa com o cotidiano não há o certo e o errado, não há o julgamento nas falas e vozes e sim uma partilha, um entendimento compartilhado e uma busca para a compreensão das questões que emergem dos encontros.

[...] a pesquisa com o cotidiano apresenta-se também como uma opção política dos que não analisam ou interpretam a palavra alheia, mas investigam os muitos sentidos, os muitos significados que ao refletirmos juntos sobre nossas palavras, podemos encontrar. Na polifonia das palavras, no compartilhar das narrativas, vamos encontrando os muitos sentidos do mundo, as dobras da realidade, onde podemos nos reinventar, nos reescrever como sujeitos. (SERPA, p. 1)

No processo cíclico de reinventura e reinvenção vamos nos adentrando em outras realidades e conhecendo e compartilhando as nossas. No final do ano de 2018, na festa de Natal que realizamos na escola, sua mãe levou a Maia, avisei que ia deixar com a Yasmin, aluna do quarto ano, que é vizinha delas, uma boneca de Natal. Conheci sua mãe no evento. Já havia visto fotos e vídeos pelo stories da Regina. E sabia da relação forte que as duas tinham. A mãe me disse do orgulho que tinha da filha e que ela era muito forte e que iria parar onde quisesse na vida.

Nossos encontros não eram tão constantes, por ela estudar no segundo andar. Encontrava muito com sua irmã pelo fato de frequentar bastante a sala da direção e supervisão. Então nosso estreitamento foi realizado mais por meio da rede social Whatsapp. Via todos os dias suas atualizações e conversávamos às vezes. Acompanhava seus stories todos os dias, sempre em festas, se divertindo, ou fotos com a mãe, a irmã e a filha.

Numa das mensagens ela falava sobre a escola. Perguntei para que ano ela iria em 2019. Ela me respondeu que para o terceiro ano do ensino médio e que só tinha dezessete anos. Achei interessante o fato dela enfatizar isso, pois muitos alunos são repetentes na escola, e ainda tem o fato dela ser mãe, o que é claramente um grande desafio manter tantas responsabilidades. Muitas alunas da escola saem com licença maternidade e depois não voltam a estudar. Cuidam dos filhos ou já iniciam em algum trabalho para ajudar a renda em casa.

Ela me disse: “*Meu sonho é ser obstetra.*” Respondi: “Que sonho foda! Ser médica, parabéns e bora correr atrás disso né?!” Comentei que tentaria voltar em 2019 para a educação

integral novamente, e que poderia ajudá-la no que fosse preciso na parte da manhã. O fato dela ter o sonho de ser médica também me chamou a atenção, pois quando trabalhava com as crianças do ensino fundamental I e fazíamos pesquisas e trabalhos com o tema sonho, geralmente os sonhos na profissão eram: motorista de taxi, babá, professor, motorista de caminhão, entre outros. Fiquei feliz e esperançosa em ler a colocação da Regina. Paulo Freire (2011) aponta que

[...] o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de *estar sendo com* as liberdades e não *contra* elas. (p.95 - 96)

E num dia de diálogo a Regina me contou que mora com os pais, a irmã, o irmão e a filha. Ela nunca falou do pai e quando perguntava ela desconversava. Nunca soube de nada relacionado a ele, mas em relação a mãe ela deixa bem exposto o amor e a gratidão.

Certo dia enviei para ela uma mensagem curtindo o fato dela falar que queria estudar e focar no seu futuro. Ela aproveitou a oportunidade para me relatar que o pai da Maia não paga pensão para a filha, que ele a visita às vezes nos fins de semana, quando quer. Disse-me que a avó e a tia pagam um plano de saúde para ela e que dão algumas coisas às vezes. Mas que não tem aquele compromisso do pai com o dinheiro todo mês.

Ela agradece muito à mãe por ajudá-la tanto.

6.3 Lucy: a mulher sonhadora

O mesmo acontece com a Lucy. Que por diversas vezes coloca nos seus stories a importância da mãe em sua vida. Chamando-a de guerreira e de como foi grandiosa em criar os filhos sozinhos. Segundo o IBGE²² o Brasil ganhou em dez anos mais de um milhão de

²²IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

famílias compostas por mãe solteira²³. A reportagem aponta também para o avanço feminino na responsabilidade da unidade domiciliar, sendo a mulher referência na família. Isso nós já vemos no cotidiano das alunas mães. Das mães de alunos da escola. O que acontece é que desse lugar que estamos falando, do qual faz parte uma escola pública em uma comunidade periférica, com muitas necessidades básicas ainda inexistentes, esse número de famílias compostas por mães solteiras nem sempre implica numa liberdade financeira ou numa independência feminina, mas em vulnerabilidade e abandono. Essas mulheres são guerreiras porque muitas vezes passam pelo abandono e têm que criar seus filhos sozinhas, ou com a ajuda de parentes.

Em 2018 quando estava fazendo o cadastro dos alunos no Programa Mais Educação percebi um dado interessante, que na época brinquei com a secretária da escola que seria meu tema para o doutorado. São as crianças que não têm o nome do pai na certidão de nascimento. Fiquei assustada com o número. Comentei com algumas pessoas na escola sobre isso e ouvi que algumas viviam isso por abandono, mas que também havia muitas mães que eram “safadas” mesmo.

A escola de educação integral ajuda muito as mães que precisam trabalhar, deixando seus filhos na escola durante o dia com alimentação, estudo, acolhimento e diversão. Nos dias de hoje estamos passando por uma situação difícil, pois estamos vivendo a possibilidade do atual governo de Minas Gerais não oferecer mais a educação integral nas escolas estaduais. Ou, somente algumas que atenderem os critérios estipulados por eles.

Eu conheci a Lucy na escola em 2018. Quando ela mostrou o interesse em participar da pesquisa no primeiro encontro que realizamos. Ela me procurou e disse não ser mãe, “mãe de verdade” ela disse. Mas que queria muito participar de alguma forma por que ela ajudava a mãe a criar os outros dois filhos. Colocamos isso no nosso encontro no refeitório da escola e conversamos sobre o fato de ajudar em casa e das responsabilidades que assumiam desde muito novas. Muitas meninas da escola crescem com esta responsabilidade de ajudar na criação dos irmãos. Neste trabalho temos algumas narrativas, mas meu cotidiano na escola como professora me apontou diversas vezes esta relação – aluna mãe. Muitas não crescem com esta responsabilidade, mas diante da realidade do contexto familiar e social de vida elas incorporam esta responsabilidade para si.

²³Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/em-10-anos-brasil-ganha-mais-de-1-milhao-de-familias-formadas-por-maes-solteiras.ghtml>. Acesso em: 10 de Abril de 2019.

Lucy trabalha no contraturno da escola como manicure. Em seus stories ela mostra muitas clientes com as unhas pintadas e coloridas.

Muito jovem, alegre e bonita, me disse que seu maior sonho era ser policial civil. Ela me disse: “*Já perdi muita gente aqui tia, muito parente, muitos amigos. Quero fazer alguma coisa.*”

pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco humanamente, *é pronunciar* o mundo, *é modificá-lo*. O mundo *pronunciado*, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos *pronunciantes*, a exigir deles novo *pronunciar*. (FREIRE, 2011, p. 108)

Perguntei em que ano ela estava estudando, ela me disse ter dezesseis anos e estar no primeiro ano do ensino médio. E que não desistiria dos seus sonhos facilmente.

Sonho²⁴

[A todas as mulheres pretas espalhadas pelo mundo, a todas as demais mulheres e a Isabel Nascimento, Regina Timbó e Marlene Cunha. 1989].

Seu nome era dor
Seu sorriso dilaceração
Seus braços e pernas, asas
Seu sexo seu escudo
Sua mente libertação
Nada satisfaz seu impulso
De mergulhar em prazer
Contra todas as correntes
Em uma só correnteza
Quem faz rolar quem tu és?
Mulher!...
Solitária e sólida
Envolvente e desafiante
Quem te impede de gritar
Do fundo de sua garganta
Único brado que alcança
Que te delimita Mulher!
Marca de mito embotável

²⁴Disponível em: <<https://www.fic.ufg.br/up/74/o/Sonho.pdf>>. Acesso em: 05 de dezembro de 2018.

Mistério que a tudo anuncia
E que se expõe dia-a-dia
Quando deverias estar resguardada
Seu *ritus* de alegria
Seus véus entrecruzados de velharias
Da inóspita tradição irradias Mulher!
Há corte e cortes profundos
Em sua pele em seu pelo
Há sulcos em sua face
Que são caminhos do mundo
São mapas indecifráveis
Em cartografia antiga
Precisas de um pirata
De boa pirataria
Que te arranques da selvageria
E te coloque, mais uma vez,
Diante do mundo
Mulher.

7. SIGO AMANDO AS RETICÊNCIAS...

O sujeito que se abre ao mundo e aos outros
inaugura com seu gesto a relação dialógica
em que se confirma como inquietação e curiosidade,
como inconclusão em permanente movimento na história.
(FREIRE, 2011, p. 133)

Quando escrevo uma carta, um texto, um e-mail, quando utilizo a escrita fico me privando das reticências. Minha vontade é colocar reticências nos finais de frases, sempre. Nada está tão fielmente concluído. Ainda podem significar muitas coisas, tantas coisas. Pode haver reviravoltas. Sempre tive dificuldades com o ponto final, para a escrita tal como para a vida.

No decorrer da pesquisa me deparei com inúmeros desafios e com muitas incertezas, com toda a particularidade dos momentos que vivi. Fraquejei em diversos momentos, a ponto de eu achar que não conseguiria chegar até aqui... num pulsar intenso de entrega de um trabalho que deveria ser outro, mas que é o que teve a potencialidade para ser. Este outro não existe, e sim nos meus sonhos e desejos que ficaram no início deste processo todo.

Sinto que nesta dissertação, não há ponto final. Há dados até agora satisfatórios, para mim não por completo. Está faltando algo..., sempre está. Poderia ter focado mais em tal momento, poderia ter insistido mais com tal aluna mãe, poderia, poderia...

Mas nesta incompletude já tenho algo, algo para apresentar. Mas não findos. Esta sensação que carrego há muito tempo de que houveram buracos. Logo eu, falando de movimento, de fluidez, de tempo como duração, ...como assim colocarei buracos em tal caminho que percorri? Buracos que simbolizariam que talvez não consegui alcançar meus objetivos de forma linda e planejada.

O trabalho foi suado, esforçado, lindo, belo, triste e cansativo. Os meus sentimentos estão a flor da pele. Envolvi-me demais, mas sou assim. Afeto e sou afetada. Há muitos mistérios e potências quando vivemos com o outro experiências únicas e particulares do cotidiano.

Atingi objetivos outros, me lembro de pegar o portfólio da Marinez e meus olhos encherem de lágrimas. Ela foi a que mais se aproximou da minha proposta inicial. Mas as

outras alunas mães dentro de suas possibilidades, dentro de suas disponibilidades e interesse também fizeram a diferença. Segundo Serpa (2011),

[...] a pesquisa não teorizava sobre uma prática, ela era uma prática. Prática de investigação pedagógica, prática de reflexão sobre um fazer que não segue um tempo linear e que nunca fica pronto, que está constantemente em transformação, que nos leva para lugares insuspeitos, para questões impensadas, que segue o curso dos acontecimentos e experiências. (p. 7.)

Penso que o maior benefício da pesquisa que trago nesse término com reticências é o fato de trazer novos olhares para este público que cresce a cada dia e é muitas vezes deixado de lado no cotidiano escolar. As alunas mães. Pensar em novas alternativas e intervenções da escola para melhor responder as demandas apresentadas pelas alunas mães. Conversar sobre suas experiências, o tempo, os estudos, seus sonhos. Vi esta abertura, esta troca de experiências, como um benefício importante para a escola, para as mães que são alunas e para mim como pesquisadora.

Vou narrando, vou compartilhando, vou ouvindo, vou vivendo a experiência de estar no cotidiano da escola e realizando uma pesquisa com o outro. Compartilhando temporalidades diferenciadas e respeitando cada um como sujeito essencial e importante que é: “nossa duração é irreversível.” (BERGSON, 2010, p. 20)

Esta pesquisa me permitiu não me anular de todo contexto de trabalho realizado, até porque ela surgiu de uma experiência particular que, diante de uma demanda em um determinado *espaçotempo*, senti a necessidade de que era uma questão importante de ser conversada e compartilhada. Somos constituídos de todas vivências e experiências cotidianas.

Durante a tecitura deste trabalho, passei por momentos que me apontaram limites que estavam para além de minha possibilidade de resolução, mas também limites encarados por mim mesma, como a insistência em pegar o portfólio de uma participante. Para além dos limites vieram a busca por compreensões de mundos diferentes, a sensibilidade de ouvir, ler e imaginar, um pouco que seja, uma parte de um todo, vivências e lutas cotidianas de uma realidade distante, só que não tão distante assim. A cada conversa, a cada encontro, me via mais próxima delas. Com afinidades e empatia íamos descobrindo vidas, experiências, contextos e lutas em comum. Serpa em seu texto: As alunas que fomos, as professoras que nos tornamos: conversas sobre as tramas de nossa formação, coloca que,

Uma experiência deixa marcas. Uma experiência muda nossos rumos, nossos sonhos, nossas vidas. Uma experiência também surge como uma porta que se abre e nos apresenta novas possibilidades de caminhos. Nossas experiências são a essência de nossas narrativas. Podemos contar ou descrever uma vivência, um fato, um acontecimento. Mas quando narramos uma experiência, convidamos outros seres humanos a compartilharem conosco de nossa humanidade. Narrar uma experiência é abrir-se ao encontro. E talvez seja exatamente este encontro que percamos na troca diária e desesperada de milhares de informações, tantas vezes inúteis. (p. 4 - 5)

Os limites que brotaram em meio ao caminhar da pesquisa, os limites do cotidiano, do tempo cronológico e do tempo de cada uma de nós, me fizeram perceber que não podemos pensar que damos conta de tudo que nos aparece, de tudo que transborda de um cotidiano tão rico, de uma multiplicidade de acontecimentos que integram e percorrem a fluidez do nosso tempo real de vida. Percebemos uma pequena parte de um todo, e esta pequena parte nos prende, nos enraíza, muitas vezes nos cega. Estou certa de que participar no/do cotidiano da escola, e já conhecer alguns atores que ali atuam e se dedicam, me ajudou muito no desenvolvimento da pesquisa. Através desta pesquisa pude perceber a angústia vivenciada pelas alunas ao se depararem com as múltiplas funções de ser mãe e aluna na adolescência. As dificuldades de algumas alunas em conseguir organizar suas rotinas e tempos de acordo com os tempos cronológicos exigidos pela sociedade: da escola, creche, casa, filhos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. **Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos**. TEIAS: Rio de Janeiro, ano 4, n° 7-8, jan/dez. 2003. Artigos. p. 01-08.

AZEVEDO, Joanir Gomes de. Itinerâncias da pesquisa. In: GARCIA, R. L. (Org.). **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 119-140.

BERGSON, Henri. **A evolução criadora**. São Paulo: Unesp, 2010.

BERGSON, Henri. **Cartas, conferências e outros escritos**. Seleção de textos de Franklin Leopoldo e Silva. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

BERGSON, Henri. **Memória e vida**. Textos escolhidos por Gilles Deleuze. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BORBA, Siomara Moreira Vieira. ALMEIDA, Natália Regina de. Pesquisa em educação: investigação sobre a ação pedagógica. **Educação Temática Digital**. V.17, n.1, p.142-156. Jan/abr. 2015.

BOTTENTUIT JUNIOR, João Batista. ALBUQUERQUE, Odlacristianne Patriota. COUTINHO, Clara Pereira. **WHATSAPP e suas Aplicações na Educação: uma revisão sistemática da Literatura**. **Revista EducaOnline**. , v.10, n.2, p.67- 87, maio/agosto. 2016.

CARVALHO, Ana Maria Sá de. Portfólio na educação. **Revista de Letras**. V. 1, n. 23, p. 97-101. Jan/dez. 2001.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano1: artes de fazer**. Rio de Janeiro: Vozes, 2ª reimpressão, 2017.

CORREIA, Teodósia Sofia Lobato. Tempos das escolas, tempos dos escolares. In: MARQUES, Luciana Pacheco; MONTEIRO, Sandrelena da Silva; OLIVEIRA, Cristiane

Elvira de Assis. **Tempos**: movimentos experienciados. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012, p. 125-153.

DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 1999. Coleção TRANS.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; ALVES, Nilda. As pesquisas com os cotidianos das escolas: pistas para se pensar a potência das imagensnarrativas na invenção dos currículos e da formação. **Espaço do Currículo**, v.8, n.3, p.306-316, set./dez. 2015.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. A pesquisa em Educação no/do/com o Cotidiano das Escolas. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo; PEREZ, Carmen Lúcia Vidal; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. (orgs.). **Aprendizagens cotidianas com a pesquisa: novas reflexões em pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**. Petrópolis: DP et Alii, 2008. - Cotidiana e Pesquisa em Educação. p. 23-34.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GARCIA, Regina Leite. A difícil arte/ciência de pesquisar com o cotidiano. In: GARCIA, Regina Leite, (Org.). **Método; Métodos; Contramétodo**. São Paulo: Cortez, 2003. p. 193-208.

KOHAN, Walter Omar. A infância da educação: o conceito devir-criança. In: _____ (Org.). **Lugares da infância**: filosofia. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. p. 51-68.

MONTEIRO, Sandrelena da Silva. **Experiências temporais constitutivas do ser professora: uma leitura bergsoniana**. 183f. Tese (Doutorado em Educação). Juiz de Fora: UFJF, 2014.

MUNDURUKU, Daniel. **O homem que roubava horas**. Ilustrações: Janaina Tokitaka. São Paulo: Brinque-Book, 2007.

OLIVEIRA, Cristiane Elvira de Assis. **Temporalidades no/do cotidiano da educação infantil**. 157f. Dissertação (Mestrado em Educação). Juiz de Fora: UFJF, 2012b.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. SGARBI, Paulo. **Estudos do cotidiano & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. (Coleção Temas & Educação).

PRIGOGINE, Ilya. **Do ser ao devir**. Entrevista concedida a Edmond Blattchen. São Paulo: Editora UNESP; Belém: Editora Universidade Estadual do Pará, 2002.

SANTOS PINTO, Tarcísio Jorge. A crítica bergsoniana ao método filosófico tradicional – repercussões epistemológicas, éticas e educacionais. In:_____ **Biopolítica, Educação e Filosofia**. Tubarão: Poiésis. V. 4. Número especial, 2011.p. 39-52.

SILVA, Heitor Pereira. **Tempo e educação**: um estudo acerca das dimensões do tempo em confrontação com os desafios da educação escolar. 105f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2009.

SERPA, Andréa. Pesquisa *com* o cotidiano: desafios e perspectivas. In: Linhares, C; Garcia, R; Corrêa, C. H. **Cotidiano e formação de professores**. Brasília: Liber Livro, editora da Universidade Federal do Amazonas, 2011.

SERPA, Andréa. **As alunas que fomos, as professoras que nos tornamos: conversas sobre as tramas de nossa formação**. Disponível em: <http://www.andreaserpauff.com.br/arquivos/artigos/AS%20ALUNAS%20QUE%20FOMOS%20AS%20PROFESSORAS%20QUE%20NOS%20TORNAMOS.pdf>. Acesso em: 10 de abril de 2019. P. 1 – 11.

VICENTINI, Adriana Alves Fernandes; SADALLA, Ana Maria Falcão de Aragão. Narrações de lugares em construção: A emergência, os dramas e os sentidos de trabalho do professor-

formador. In: Vicentini, A. A. F; Farias, M. N. de O; Sadalla, A. M. F. de A; Prado, G. do V. T. **Professor-formador: histórias contadas e cotidianos vividos**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008, p. 85-98.

Marcelo Jeneci. **Felicidade**. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/marcelo-jeneci/1524699/>>. Acesso em: 04 de Dezembro de 2018.

APÊNDICES

APÊNDICE A – CONVITE ÀS ALUNAS MÃES





APÊNDICE B - PASTAS PLÁSTICAS PARA PORTFÓLIO



APÊNDICE C - CARTA DE APRESENTAÇÃO

“Meu caminho pode não ser o teu caminho.
Contudo, juntos marchamos de mãos dadas.”
Khalil Gibran

Muito obrigada por aceitar fazer este trabalho comigo.

Gostaria que compartilhasse comigo:

Um pouco sobre você, sua história, sua rotina, sua família.

E...

O que é ser aluna mãe no contexto da escola?

Quais os desafios do dia a dia que você encontra ao se deparar com a sua multiplicidade de funções (escola, filho(a) ou filhos(as), casa, trabalho, amor, etc)?

Como se sente?

A relação da escola e da sociedade diante de tanta responsabilidade que você já carrega como mulher e mãe?

Como você pensa a relação do tempo com tantas coisas para fazer e responsabilidades para resolver?

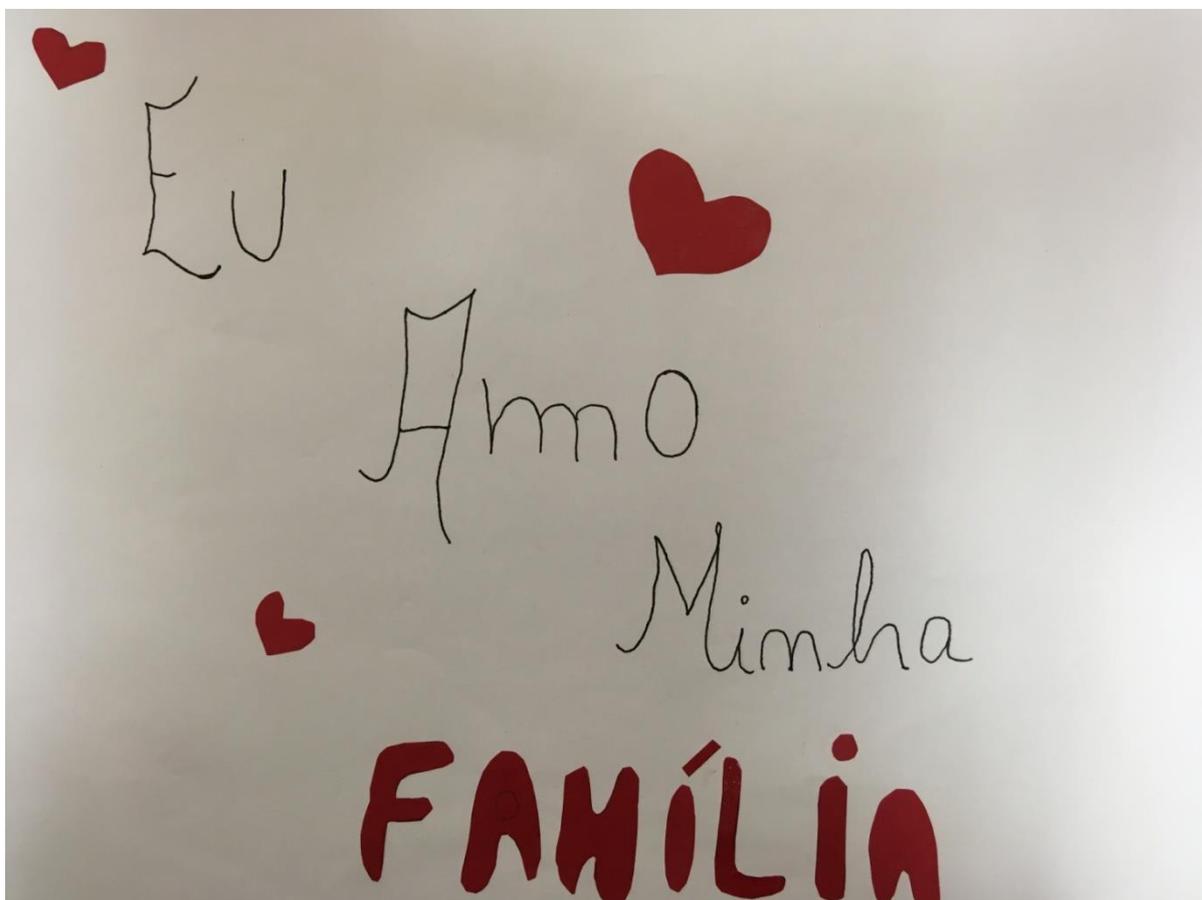
Quais são seus sonhos e seus medos?

Fique a vontade para escrever, desenhar, rasurar, colar, de acordo com sua necessidade e vontade.

Desde já agradeço por estarmos juntas nesta caminhada...

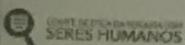
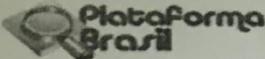
“...que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros etc.
Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós.”
Manoel de Barros

APÊNDICE D - DESENHO E COLAGEM REALIZADOS PELA MARINEZ – ARQUIVO DO PORTFÓLIO



ANEXOS

ANEXO A - TERMO CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA/UFJF

		UFJF - UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA - MG	
---	---	---	---

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O tempo das alunas mães na escola
Pesquisador: JULIANA RAMOS DE FARIA
Área Temática:
Versão: 1
CAAE: 01061118.0.0000.5147
Instituição Proponente: Faculdade de Educação da UFJF
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.983.379

Apresentação do Projeto:
Apresentação do projeto está clara, detalhada de forma objetiva, descreve as bases científicas que justificam o estudo, estando de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 466/12 de 2012, item III.

Objetivo da Pesquisa:
Os Objetivos da pesquisa estão claros bem delineados, apresenta clareza e compatibilidade com a proposta, tendo adequação da metodologia aos objetivos pretendido, de acordo com as atribuições definidas na Norma Operacional CNS 001 de 2013, item 3.4.1 - 4.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:
Riscos e benefícios descritos em conformidade com a natureza e propósitos da pesquisa. O risco que o projeto apresenta é caracterizado como risco mínimo e benefícios esperados estão adequadamente descritos. A avaliação dos Riscos e Benefícios está de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 466/12 de 2012, itens III; III.2 e V.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:
O projeto está bem estruturado, delineado e fundamentado, sustenta os objetivos do estudo em sua metodologia de forma clara e objetiva, e se apresenta em consonância com os princípios éticos norteadores da ética na pesquisa científica envolvendo seres humanos elencados na resolução 466/12 do CNS e com a Norma Operacional N° 001/2013 CNS.

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N	CEP: 36.036-900
Bairro: SAO PEDRO	
UF: MG	Município: JUIZ DE FORA
Telefone: (32)2102-3788	Fax: (32)1102-3788
	E-mail: cep.propesq@ufjf.edu.br

Página 01 de 03

Continuação do Parecer: 2.983.379

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O protocolo de pesquisa está em configuração adequada, apresenta FOLHA DE ROSTO devidamente preenchida, com o título em português, identifica o patrocinador pela pesquisa, estando de acordo com as atribuições definidas na Norma Operacional CNS 001 de 2013 item 3.3 letra a; e 3.4.1 item 16. Apresenta o TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO em linguagem clara para compreensão dos participantes, apresenta justificativa e objetivo, campo para identificação do participante, descreve de forma suficiente os procedimentos, informa que uma das vias do TCLE será entregue aos participantes, assegura a liberdade do participante recusar ou retirar o consentimento sem penalidades, garante sigilo e anonimato, explicita riscos e desconfortos esperados, ressarcimento com as despesas, indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa, contato do pesquisador e do CEP e informa que os dados da pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador pelo período de cinco anos, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 466 de 2012, itens: IV letra b; IV.3 letras a, b, d, e, f, g e h; IV. 5 letra d e XI.2 letra f. Apresenta o INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS de forma pertinente aos objetivos delineados e preserva os participantes da pesquisa. O Pesquisador apresenta titulação e experiência compatível com o projeto de pesquisa, estando de acordo com as atribuições definidas no Manual Operacional para CPes. Apresenta DECLARAÇÃO de infraestrutura e de concordância com a realização da pesquisa de acordo com as atribuições definidas na Norma Operacional CNS 001 de 2013 item 3.3 letra h.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Diante do exposto, o projeto está aprovado, pois está de acordo com os princípios éticos norteadores da ética em pesquisa estabelecido na Res. 466/12 CNS e com a Norma Operacional N° 001/2013 CNS. Data prevista para o término da pesquisa: junho de 2019.

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa CEP/UFJF, de acordo com as atribuições definidas na Res. CNS 466/12 e com a Norma Operacional N°001/2013 CNS, manifesta-se pela APROVAÇÃO do protocolo de pesquisa proposto. Vale lembrar ao pesquisador responsável pelo projeto, o compromisso de envio ao CEP de relatórios parciais e/ou total de sua pesquisa informando o andamento da mesma, comunicando também eventos adversos e eventuais modificações no protocolo.

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N

Bairro: SAO PEDRO

CEP: 36.036-900

UF: MG

Município: JUIZ DE FORA

Telefone: (32)2102-3788

Fax: (32)1102-3788

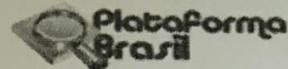
E-mail: cep.propesq@ufjf.edu.br



COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM
SERES HUMANOS

ufjf

UFJF - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE JUIZ DE FORA -
MG



Continuação do Parecer: 2.983.379

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1237452.pdf	15/10/2018 15:41:10		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_consentimento_responsaveis.doc	15/10/2018 15:40:40	JULIANA RAMOS DE FARIA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_consentimento.docx	15/10/2018 15:40:27	JULIANA RAMOS DE FARIA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_Assentimento.doc	15/10/2018 15:40:16	JULIANA RAMOS DE FARIA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_detalhado.doc	15/10/2018 15:36:25	JULIANA RAMOS DE FARIA	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.docx	15/10/2018 07:09:27	JULIANA RAMOS DE FARIA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao.docx	15/10/2018 07:04:29	JULIANA RAMOS DE FARIA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Avaliação da CONEP:

Não

JUIZ DE FORA, 26 de Outubro de 2018

Assinado por:
Jubel Barreto
(Coordenador(a))

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N

Bairro: SAO PEDRO

CEP: 36.036-900

UF: MG

Município: JUIZ DE FORA

Telefone: (32)2102-3788

Fax: (32)1102-3788

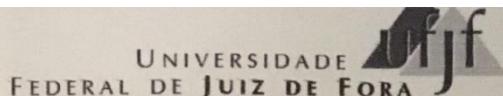
E-mail: cep.propesq@ufjf.edu.br

ANEXO B - ALUNAS DA ESCOLA



<https://tribunademinas.com.br/especiais/outras-ideias/22-10-2017/jaiane-e-lavinia-duas-vozes-em-nome-de-muitas-outras.html>

ANEXO C – TCLE/ TALE/ TCLER



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidar você a participar como voluntário (a) da pesquisa "O TEMPO DAS ALUNAS MÃES NA ESCOLA". O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é saber: **O QUE É SER ALUNA MÃE NO CONTEXTO DA ESCOLA? O QUE PASSA POR ESTA QUESTÃO EXISTENCIAL?** Nesta pesquisa pretendemos: **TROCAR EXPERIÊNCIAS, LER E OUVIR COMO AS ALUNAS MÃES VIVENCIAM SUAS TEMPORALIDADES NA ESCOLA.** Caso você concorde em participar, vamos fazer as seguintes atividades com você: **OFERECER DIÁRIOS PARA QUE ESCRIVAM SUAS EXPERIÊNCIAS EM SEREM MÃES TÃO NOVAS E ESTAREM MATRICULADAS NA ESCOLA. SELECIONAREI UM TEMA PARA SER UTILIZADO COMO DISPARADOR PARA O ENCONTRO EM GRUPO, QUE ACONTECERÁ NO CONTRA TURNO DE AULA.** Esta pesquisa tem alguns riscos, que são mínimos: **SEREM IDENTIFICADAS E ISSO CAUSAR DESCONFORTO DIANTE DA EXPOSIÇÃO DE ALGUM FRAGMENTO OU TEMA DE SEUS DIÁRIOS.** Mas, para diminuir a chance desses riscos acontecerem, **SERÃO USADOS CODINOMES.** A pesquisa pode ajudar **TRAZENDO NOVOS OLHARES PARA ESTE PÚBLICO QUE CRESCE A CADA DIA E É MUITAS VEZES DEIXADO DE LADO NO COTIDIANO ESCOLAR. CONVERSAR SOBRE SUAS EXPERIÊNCIAS, O TEMPO, OS ESTUDOS, SEUS SONHOS, SOBRE COMO LIDAM COM O FATO DE SEREM MÃES TÃO NOVAS.** **ESTA TROCA DE EXPERIÊNCIAS É UM BENEFÍCIO MUITO IMPORTANTE NÃO SÓ PARA AS MÃES QUE SÃO ALUNAS, MAS PARA TODOS OS PARTICIPANTES DO COTIDIANO DA ESCOLA.**

Para participar deste estudo você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano por causadas atividades que fizermos com você nesta pesquisa, você tem direito a indenização. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que você é atendido (a). O pesquisador não vai divulgar seu nome. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Declaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Juiz de Fora, _____ de _____ de 20 .

Assinatura do Participante

Assinatura do (a) Pesquisador (a)

Juliana Ramos de Faria
Campus Universitário da UFJF
Faculdade de Educação
CEP: 36036-900
Fone: 32- 999569591
E-mail: julianaramosdefaria@gmail.com

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - UFJF

Campus Universitário da UFJF

Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa

CEP: 36036-900

Fone: (32) 2102- 3788 / E-mail: cep.propesq@uffj.edu.br



TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidar você a participar como voluntário (a) da pesquisa **O TEMPO DAS ALUNAS MÃES NA ESCOLA**. O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é saber **O QUE É SER ALUNA MÃE NO CONTEXTO DA ESCOLA? O QUE PASSA POR ESTA QUESTÃO EXISTENCIAL?** Nesta pesquisa pretendemos **TROCAR EXPERIÊNCIAS, LER E OUVIR COMO AS ALUNAS MÃES VIVENCIAM SUAS TEMPORALIDADES NA ESCOLA**.

Caso você concorde em participar, vamos fazer as seguintes atividades com você **OFERECER UM DIÁRIO PARA QUE VOCÊ ESCREVA SUAS EXPERIÊNCIAS EM SER MÃE TÃO NOVA E ESTAR MATRICULADA NA ESCOLA. COMO VOCÊ PENSA E VIVENCIA ESTES TEMPOS EM SEU COTIDIANO? SELECIONAREI UM TEMA PARA SER UTILIZADO COMO DISPARADOR PARA O ENCONTRO EM GRUPO, QUE ACONTECERÁ NO CONTRA TURNO DA AULA**. Esta pesquisa tem alguns riscos, que são mínimos: **DAS ALUNAS MÃES SEREM IDENTIFICADAS, DE CAUSAR DESCONFORTO DIANTE DA EXPOSIÇÃO DE ALGUM FRAGMENTO OU TEMA DE SEUS DIÁRIOS**. Mas, para diminuir a chance desses riscos acontecerem, **SERÃO USADOS CODINOMES PARA EVITAR A IDENTIFICAÇÃO DAS MÃES**. A pesquisa pode ajudar **TRAZENDO NOVOS OLHARES PARA ESTE PÚBLICO QUE CRESCE A CADA DIA E É MUITAS VEZES DEIXADO DE LADO NO COTIDIANO ESCOLAR. CONVERSAR SOBRE SUAS EXPERIÊNCIAS, O TEMPO, OS ESTUDOS, SEUS SONHOS, SOBRE COMO LIDAM COM O FATO DE SEREM MÃES TÃO NOVAS. ESTA TROCA DE EXPERIÊNCIAS É UM BENEFÍCIO MUITO IMPORTANTE NÃO SÓ PARA AS MÃES QUE SÃO ALUNAS, MAS PARA TODOS OS PARTICIPANTES DO COTIDIANO DA ESCOLA**.

Para participar desta pesquisa, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Para participar deste estudo você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano por causadas atividades que fizemos com você nesta pesquisa, você tem direito a indenização. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que você é atendido (a). O pesquisador não vai divulgar seu nome. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você.

Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução N° 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Juiz de Fora, ____ de _____ de 20__.

Assinatura do (a) menor

Assinatura do (a) pesquisador (a)

Juliana Ramos de Faria
Campus Universitário da UFJF
Faculdade de Educação
CEP: 36036-900
Fone: 32- 999569591
E-mail: julianaramosdefaria@gmail.com

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:
CEP - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - UFJF
Campus Universitário da UFJF
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
CEP: 36036-900
Fone: (32) 2102- 3788 / E-mail: cep.propesq@ufjf.edu.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO/RESPONSÁVEIS

O menor _____, sob sua responsabilidade, está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa "O TEMPO DAS ALUNAS MÃES NA ESCOLA". O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é saber **O QUE É SER ALUNA MÃE NO CONTEXTO DA ESCOLA? O QUE PASSA POR ESTA QUESTÃO EXISTENCIAL?** Nesta pesquisa pretendemos **TROCAR EXPERIÊNCIAS, LER E OUVIR COMO AS ALUNAS MÃES VIVENCIAM SUAS TEMPORALIDADES NA ESCOLA.**

Caso você concorde na participação do menor vamos fazer as seguintes atividades com ele: **OFERECER ÀS ALUNAS DIÁRIOS PARA QUE ESCRIVAM SUAS EXPERIÊNCIAS EM SER MÃES TÃO NOVAS E ESTAREM MATRICULADAS NA ESCOLA. COMO PENSAM E VIVENCIAM ESTES TEMPOS EM SEU COTIDIANO? SELECIONAREI UM TEMA PARA SER UTILIZADO COMO DISPARADOR PARA O ENCONTRO EM GRUPO, QUE ACONTECERÁ NO CONTRA TURNO DE AULA.** Esta pesquisa tem alguns riscos, que são mínimos: **DAS ALUNAS MÃES SEREM IDENTIFICADAS, DE CAUSAR DESCONFORTO DIANTE DA EXPOSIÇÃO DE ALGUM FRAGMENTO OU TEMA DE SEUS DIÁRIOS.** Mas, para diminuir a chance desses riscos acontecerem, **SERÃO USADOS CODINOMES PARA EVITAR A IDENTIFICAÇÃO DAS MÃES.** A pesquisa pode ajudar **TRAZENDO NOVOS OLHARES PARA ESTE PÚBLICO QUE CRESCE A CADA DIA E É MUITAS VEZES DEIXADO DE LADO NO COTIDIANO ESCOLAR. CONVERSAR SOBRE SUAS EXPERIÊNCIAS, O TEMPO, OS ESTUDOS, SEUS SONHOS, SOBRE COMO LIDAM COM O FATO DE SEREM MÃES TÃO NOVAS.** ESTA TROCA DE EXPERIÊNCIAS É UM BENEFÍCIO MUITO IMPORTANTE NÃO SÓ PARA AS MÃES QUE SÃO ALUNAS, MAS PARA TODOS OS PARTICIPANTES DO COTIDIANO DA ESCOLA.

Para participar desta pesquisa, o menor sob sua responsabilidade e você não irão ter nenhum custo, nem receberão qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se o menor tiver algum dano por causa das atividades que fizemos com ele nesta pesquisa, ele tem direito a indenização.

Ele terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Você como responsável pelo menor poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação dele a qualquer momento. Mesmo que você queira deixá-lo participar agora, você pode voltar atrás e parar a participação a qualquer momento. A participação dele é voluntária e o fato em não deixá-lo participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que ele é atendido. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. O nome ou o material que indique a participação do menor não será liberado sem a sua permissão. O menor não será identificado em nenhuma publicação.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução N° 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Declaro que concordo em deixá-lo participar da pesquisa e que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Juiz de Fora, ____ de _____ de 20 ____.

Assinatura do (a) Responsável

Assinatura do (a) Pesquisador (a)

Juliana Ramos de Faria
Campus Universitário da UFJF
Faculdade de Educação
CEP: 36036-900
Fone: 32- 999569591
E-mail: julianaramosdefaria@gmail.com

